

DUMÉIA

FIAM
FAAM
CENTRO UNIVERSITÁRIO

FMU
CENTRO UNIVERSITÁRIO





MARIA AUXILIADORA

Maria Auxiliadora da Silva, neta de Marcelina Carlota, escrava, e filha de Maria de Almeida e José Cândido, lavradores do interior de Minas Gerais, vai para a cidade de São Paulo aos três anos junto à mãe e seus sete irmãos, que buscavam na cidade uma forma mais digna de vida. Um dos maiores desejos de Maria de Almeida, ao se ver na cidade, era de que seus filhos pudessem ter acesso à educação e frequentassem a escola, direito que mais tarde é negado socialmente à Maria Auxiliadora, que aos 12 anos teve de abandonar os estudos e começar os trabalhos como empregada doméstica para auxiliar na renda da família. A arte sempre foi presente na vida de Auxiliadora, uma vez que sua mãe era escultora e o pai músico, toda a família produzia arte diretamente. Com a força artística intuitiva de Maria Auxiliadora, passando pelo desenho em carvão pelas paredes, e o bordado com a mãe, foi com os seu desenhos que realizava com lápis de colorir na adolescência, por volta dos dezesseis anos, que conseguiu conquistar a confiança da mãe sobre a sua obra e começou a receber o seu incentivo. Com dezoito anos, Auxiliadora conhece a tinta guache por influência de suas vizinhas, e utiliza este material até os vinte e seis anos, quando é apresentada a tinta à óleo pela vendedora da loja de materiais que a artista frequentava. Assim, começa a alternar o uso dos materiais em suas produções. Mais tarde, após criar uma forte corrente de apoio dentro do circuito de arte afro-brasileira como o grupo de artistas da Embu das Artes, e criar um grande vínculo com o Alan Fisher que vem a organizar a primeira exposição individual da artista na Galeria USIS no Consulado Americano do Brasil.



NÚCLEO DE ESTUDOS DE
ÉTNICO-RACIAIS
FMU FAMIFAM

Caminhar e Se Reconhecer

Expediente

A DUMELA é uma produção do Núcleo de Estudos Étnico-Raciais (NERA), pertencente a FMU|FIAM-FAAM Centro Universitário.

Volume 5 | Nº 1| 2023-2024| Anual

Reitor: Ricardo Ponsirenas
Vice Presidente Marketing: Eduardo Fernandes
Vice Presidente Comercial: Rogério Santucci
Vice Presidente Operações: Aurelio Melo

Diretor das Escolas de Educação, Negócios e Indústria Criativa: Fernando Albino Leme
Coordenador do Curso de Jornalismo e Relações Públicas, Moda e Design: Wiliam Pianco dos Santos

A DUMELA
Diretora de Redação e Coordenadora do NERA:
Maria Lúcia da Silva (MTB 0563 ES).

Editores:
Professor/Jornalista: Gean Gonçalves (MTB 0072420 SP)
Professor/Jornalista: Guy Almeida Jr. (MTB 48554 SP)
Professor/Jornalista: Maria Lucia da Silva (MTB 0563 ES).

Diretora de Arte e Design: Julia Gonçalves Rizzo (Aluna do 8º semestre do curso de Comunicação e Marketing).

Fotos da capa, primeira capa e as demais que ilustram a matéria sobre a artista Maria Auxiliadora são de autoria de Carlos Henrique Martins Silva, que tem autorização e é o detentor dos direitos.

Jornalistas que colaboraram com essa Edição:
Andrea Rosendo, Jenyfer Oliveira, Lala Evan, Lucas Luan, Maria Carolina Silva de Sousa, Mariana Lima, Rosimeire Cruz.

Colaboraram com essa Edição:
Euclides Santos, Luiz Eduardo Siqueira, Jorge Gonçalves de Oliveira Junior, Simone A. Jorge, Thatiane Santos.

Colaboração dos Estagiários da AiCom:
Beatriz Losito, Invi Silva, Edson Silva, Julia Angra, Anália Matos e Stepan Shevtsov Gena.

Publicidade:
As peças da terceira capa e quarta capa e a peça sobre Assédio foram produzidas pelo setor de Marketing Institucional. As peças publicitárias sobre Compartilhe Docência e Mostra Virtual de Talento foram produzidas pelos estudantes do 5º semestre, Katharina Bragança e Gabriel Gonçalves Rodrigues, alunos voluntários do NERA.

O NERA é formado pelos professores Eloisa Gabriel dos Santos, Gean Gonçalves e Maria Lúcia da Silva.

A DUMELA está localizada na Av. Liberdade, 899 - Liberdade, São Paulo, SP - 01503-001.
Você pode entrar em contato conosco através dos e-mails maria.l.silva@fiamfaam.br e gean.goncalves@fmu.br

ISSN 2595-797X | Volume 5|Nº1|2023-2024

Estamos nós aqui na sétima edição da Revista Dumela que existe desde dezembro de 2018. Fizemos duas edições logo de saída e depois passamos a fazer anualmente. Estamos caminhando bem porque nem a pandemia da covid nos deixou paralisados, produzimos uma revista a cada ano.

Seguimos, temos seguido e a cada número vamos reconhecendo a força da nossa voz.

Nessa edição temos contribuições preciosas de alunos formados aqui na FMU e FIAMFAAM que produziram críticas e resenhas de filmes, livros e músico. Além de um ensaio fotográfico magnífico de Bailes Ballroom, surgido de uma pesquisa do trabalho de conclusão de curso e a pesquisa de iniciação científica desenvolvida sobre a obra de uma artista plástica negra, Maria Aparecida.

A edição também ganha um brilho especial com textos de colegas professores que produziram críticas e resenhas importantes para dar uma água na boca dos leitores e desejarem aprofundar nas leituras sugeridas.

Temos também entrevistas com duas mulheres excepcionais como a professora Geranildes Costa, pró reito-

ra acadêmica da UNILAB, e com a premiada atriz Dirce Thomaz.

Os estágiários da AiCom, nossa agência, trouxeram um Precisamos Falar onde ouviram colaboradores, professores, alunos sobre a utilização reconhecimento facial. E para o Espaço NERA temos relato sobre os eventos de 8M e a Caminhada do Privilégio. Também foi produzida uma reportagem sobre a Curricularização da Extensão onde as professoras Rogéria Ventura e Denise Marchesoni integrantes da Diretoria de Regulação e Qualidade Acadêmica que relatam como a FMU/FIAMFAAM vem desenvolvendo a extensão e os seus benefícios para os alunos.

A convite do NERA a jornalista Andrea Rosendo escreveu para a Editoria Reflita sobre a teoria Feminista e perspectiva decolonial e afrodiásporica.

O que não falta aqui é vontade de se manter em caminhada, marcha e se reconhecer para não deixar o racismo avançar. E, para isso temos aqui boa informação.

Boa leitura. Divirta-se!

Maria Lúcia da Silva
Diretora de Redação

12 POR QUE LER

As Escrevências de Conceição Evaristo



20 POR QUE OUVIR

Chico César e as canções que ele fez para o mundo



16 POR QUE VER

Ó Pai ó 2, filme emociona na medida certa

Sumário

24 Espaço Discente

Maria Auxiliadora é naïf ou primitivista?

30 Espaço Docente

Saúde Mental do trabalhador precarizado

38 Espaço Nera

Quem tem privilégio? Caminhar e se reconhecer

44 Impacto Social

Atividades de extensão transformam aprendizagem dos estudantes em prática social

50 Diálogos

Geranilde Costa e a UNILAB

58 Ensaio

A Cultura Ballroom no Brasil

66 Precisamos Falar

Reconhecimento Facial

70 Reflita

Teoria Feminista e Perspectiva decolonial e afrodiásporica

46 PERSONAGEM

A trajetória da atriz Dirce Thomaz

POR UM CONCEITO DE RACISMO ESTRUTURAL

Ministro de Direitos Humanos e Cidadania é autor da obra fundamental sobre o tema

Por Luiz Eduardo Alves de Siqueira*

Racismo estrutural, obra de autoria do Prof. Silvio Almeida (coleção Feminismos Plurais, coordenada pela profa. Djamila Ribeiro, Pôlen Livros, 2019), é trabalho indispensável para os que pretendem, para além da indignação e da mudança do próprio agir, conhecer a fundo as raízes de problema secular, desconstruindo o discurso racista. A análise, a um tempo simples e precisa, é amparada em diversos autores de relevância contemporânea, como Mbembe, Foucault, Kabengele Munanga, entre muitos outros.

Nessas condições, “*por mais que calar-se diante do racismo não faça do indivíduo moral e/ou juridicamente culpado ou responsável, certamente o silêncio o torna ética e politicamente responsável pela manutenção do racismo. A mudança da sociedade não se faz apenas com denúncias ou com o repúdio moral do racismo: depende, antes de tudo, da tomada de posturas e da adoção de práticas antirracistas*” (2019, p. 52).

No primeiro capítulo, intitulado Raça e racismo, é apresentada a distinção entre preconceito, racismo e discriminação, os quais são impropriamente tratados como sinônimos. Silvio Almeida conceitua racismo como “*uma forma sistemática de discriminação que tem a raça por fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes, que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam*” (2019, p. 32). Já a discriminação é o tratamento diferenciado em virtude da raça. O preconceito, por fim, é “*o juízo baseado*



Autor escritor da Obra “Racismo Estrutural (2019)“ Silvio Luiz de Almeida

Foto: Confluentes

em estereótipos acerca de indivíduos que pertencem a certo grupo racializado, e que pode ou não resultar em práticas discriminatórias”.

que cria meios de discriminação sistemática, mas a criação de políticas internas nas instituições. A seguir, a obra estuda o Racismo e ideologia, por meio da qual ocorre a prática social que objetiva representar certa realidade. No entanto, as representações conhecidas não são reais, mas elaborações construídas marcadas por normas e padrões que não espelham o que efetivamente se passa. Pelo olhar do autor, uma pessoa não nasce branca ou negra, mas torna-se a partir do momento em que seu corpo e sua mente são conectados a toda uma rede de sentidos compartilhados coletivamente, cuja existência antecede à formação de sua consciência e de seus efeitos (2019, p. 67). Essa construção, ao longo de séculos, foi auxiliada muito pelas faculdades de medicina, de direito e museus de

história, que elaboraram um sistema de ideias fundado na raça, embasando as relações de exploração e de dominação, inferiorizando sempre o negro.

Nessa parte, chama a atenção igualmente a análise feita sobre a meritocracia, que justamente estimula a desigualdade, por fazer entender que a pobreza seja falta de empenho individual dos negros. Os exemplos isolados de êxito não valorizam o mérito, mas, ao contrário, ainda mais comprovam a exclusão. No terceiro capítulo, Racismo e política, o Estado, como organizador da política social, é sistema que define as práticas em favor da classe dominante, reproduzindo o racismo. As formas sociais de mercado, propriedade privada, finanças associam, assim, o Estado ao capitalismo indissoluvelmente. Nesse aspecto, o livro destaca que o nacionalismo é pernicioso à medida que certos costumes e culturas são excluídos em favor da nacionalidade, o que autoriza ao Estado a violar direitos individuais em nome dessa pretensa defesa, como no que diz respeito à religião, ao reconhecimento de quilombolas, entre outros.

O racismo está institucionalizado no Brasil, uma vez que a desigualdade racial foi empregada para justificar a “inferioridade negra”, só “evoluindo” ao miscigenarem com brancos. Nessa parte, apoiado em Achille Mbembe e Marielle Franco, o autor assinala que foi no colonialismo que a racialização da raça passou a servir como fundamento de dominação. O Estado age em constante estado de exceção e estado de sítio, reproduzindo guerra, homicídio, políticas de repressão e suicídio (2019, p. 118), caracterizando a necropolítica. Já em Marielle Franco a raça está inserida nas ações de intervenção militares nas periferias do Rio de Janeiro, submetendo o grupo estigmatiza-

do a todas as consequências nefastas de subalternação.

A seguir, em Racismo e direito, esse em suas vertentes justiça, norma, poder e relação social, há instrumentalização pelo Estado para legitimar

Racismo e economia, o último capítulo da obra, indica que a raça promove e justifica a desigualdade econômica, e, desse modo, o combate antirracismo enquanto não a atacar não será efetivo. Causas cumulativas de racismo cooperam com a inferiorização dos negros, como o fato de ser pobre, mulher e homossexual, por exemplo. Além disso, neste capítulo o autor mostra que as crises existentes no capitalismo serviram para adaptar as manifestações do racismo, pois o poder e a dominação do grupo dominante moldaram-se às novas necessidades de mercado, tendo destinado os negros aos piores lugares.

Assim, o racismo não é odiosa consequência da escravidão, mas sim meio em que se apoia o capitalismo, que dele necessita em seus modos de reprodução e internalização. Logo, não é questão pontual, estando sempre ligado à formação da sociedade de classes. Desse modo, Silvio Almeida considera as análises que contrapõem raça e classe como falso dilema, já que a divisão dos grupos na sociedade em torno da classe possui o racismo como condutor.



Foto: Divulgação

práticas racistas. A discriminação racial, a exclusão dos negros e a justificação dessas atitudes e comportamentos foram institucionalizados em países como Alemanha, Estados Unidos da América e África do Sul, respectivamente, nas legislações de Nuremberg, Jim Crow e apartheid. Nessa parte, por outro lado, são indicadas normas brasileiras antirracistas (Constituição Federal, Leis nº 10.629/2003 – obrigatoriedade de ensino de história da África e cultura afro-brasileira e nº 12.288/2010 – Estatuto da Igualdade Racial), submetidas, sempre, “aos rumos políticos e econômicos da sociedade” (2019, p. 151).



Foto: TUSP

*Professor do curso de Direito da FMU; Graduado em Direito pela USP; Doutor e Mestre pelo Prolam-USP.

FIAM FAAM

LEVEL UP

Acelere sua carreira

**DESDE O
PRIMEIRO DIA.**

GRADUAÇÃO

PRESENCIAL E EAD



**PRÁTICA PROFISSIONAL e GESTÃO DE CARREIRA 360º em
todo o curso, com PROFESSORES REFERÊNCIA no mercado.**



Comprometimento com a sua trabalhabilidade e
O SUCESSO DA SUA CARREIRA



MULTICERTIFICAÇÕES antes da conclusão do curso



AULAS ATUALIZADAS CONSTANTEMENTE com as
necessidades mutáveis do mercado de trabalho



ESCANEIE O QR CODE para conhecer os **cursos mais
populares, ofertas e tirar as suas dúvidas** conosco:

56 anos de inovação na formação
dos **GIGANTES DO MERCADO.**
JUNTE-SE A ELES.

TORTO ARADO

Livro de Itamar Vieira Junior

VIEIRA JUNIOR, Itamar. Torto Arado. 29 ed. São Paulo: Todavia, 2024

Por Simone A. Jorge*

O livro Torto Arado, exaltado pelos leitores e pela crítica, venceu os prêmios Jabuti, Leya e Oceano. A obra conta a história de pessoas que tiveram a permissão para trabalhar nas terras de Água Negra, região abastecida pelos rios Santo Antônio e Utinga, cujas águas percorrem os municípios da Chapada Diamantina na Bahia. Seu autor nasceu nesse estado, é geógrafo e doutor em estudos étnicos e raciais pela Universidade Federal da Bahia - UFBA.

idade com Belonísia, ilustra nessa parte da obra a rotina das famílias que viviam em Água Negra. Eram trabalhadoras rurais típicas, que obtiveram permissão de utilizarem parte da lavoura para o próprio sustento e grande parte da produção era usurpada pela família que se apresentava como dona da terra, no caso de Água Negra, os Peixoto. Zeca Chapéu Grande foi um dos pioneiros a pedir trabalho nas terras, tornou-se uma liderança importante

para os trabalhadores e seus familiares. Era reconhecido também por sua espiritualidade, em função de relação próxima com os encantados, que para as religiões de matriz africana, são seres da natureza, que tiveram suas experiências na terra e não morreram, se encantaram, ou ainda, tornaram-se invisíveis. Realizava cura com o domínio da natureza e da reza. Bibiana narra a sua vida e a rotina de seu povo, até deixar sua casa em busca de realizar

seus sonhos ao lado de Severo, seu primo, um jovem idealista, que pretendia mudar a sua história e a dos trabalhadores, libertando-os da exploração a que eram submetidos. Os dois decidem sair de Água Negra a procura de novos horizontes, seguem trilhas incertas com uma nova vida no ventre de Bibiana.

A segunda parte do livro, é narrada por Belonísia, magoada com a fuga da irmã e pela distância que assumiram diante do interesse que Severo despertava nas duas. Bibiana se apaixonou pelo primo, mas Belonísia era atraída pelas ideias e opiniões do jovem.

Embora fossem muito próximas quando meninas, não conseguiram esclarecer os sentimentos que nutriam por Severo e, confusas, as irmãs se afastaram. Após um tempo distante de Água Negra, Bibiana e Severo retornam com os filhos ao convívio com os familiares. As irmãs, lentamente se reaproximam.

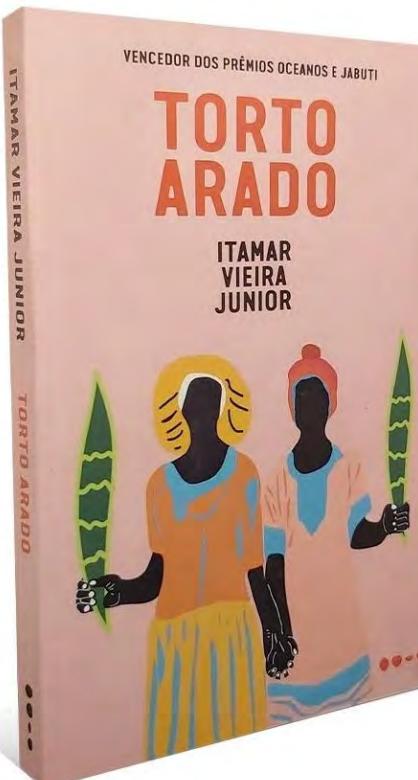


Imagem: Divulgação



Foto: Divulgação

Apesar de sua mudez e da falta de Bibiana, Belonísia consegue expressar sua natureza arredia e sua opinião forte, mesmo sob o cabresto de Tobias, seu companheiro, não se deixou intimidar pelas situações de violência que aconteciam na relação. Belonísia se indignava com a situação de opressão vivenciada pela vizinha, Maria Cabocla, violentada rotineiramente pelo marido, bem como com a exploração que assolava os trabalhadores da região, enfrentando a seca e a fome e vendendo grande parte da produção ser extirpada pelo patrão. Era assim, ou melhor, ainda é assim a vida da população negra após o período da escravização. O país não concedeu direitos e oportunidades ao povo preto e, apesar da obra retratar o período do início do século XX, atualmente, no século XXI, o trabalho análogo à escravidão ainda está presente, por fazer parte de uma herança maldita dos colonizadores.

O punhal de Donana reaparece na história, Belonísia o reencontra nos pertences de Tobias, o guarda, pois ela fazia parte de sua história e tempos depois Bibiana vai reencontrá-lo. Sua lâmina brilhante, escondeu episódios da vida de Donana e das netas, que herdaram o sentimento de justiça e indignação da avó.

A narradora demonstra fascínio pelas posições do cunhado, Severo, que durante o período em que esteve fora de Água Negra, aproximou-se de sindicatos e de ideias para mudar a vida dos trabalhadores rurais. Com isso, o homem vai criando inimizades, especialmente, de Salomão, o novo dono das terras.

Trabalhe mais e pense menos. Seu olhar não deve crescer para o que não é seu. (...) O documento da terra não vai lhe dar mais milho nem feijão. Não vai botar comida na nossa mesa. (Zeca explicando ao filho Zezé, pp. 185 e 186).

O pai de Belonísia e Bibiana não concordava com o pensamento do gênero, embora nunca tivesse explicitado diretamente aos familiares, zelava pelo bem-estar de sua família e de seus vizinhos, por meio de suas curas e rezas. Assim, manteve o respeito dos trabalhadores e não causou desconforto ao dono das terras.

Queremos ser donos de nosso próprio trabalho, queremos decidir sobre o que plantar e colher além de nossos quintais. Queremos cuidar da terra onde nascemos, da terra que cresceu com o trabalho de nossas famílias. (Severo expondo suas ideias, p. 187).

Severo foi violentamente assassinado e considerado pela polícia como envolvido com o tráfico de drogas, sendo sua morte em decorrência desse envolvimento. Bibiana, abatida com a morte de seu companheiro, prosseguiu na defesa de Severo e com a militância de seu pensamento:

Mas não vamos desistir. (...) Nós moramos na periferia da cidade, e lá os policiais usavam a mesma desculpa de drogas para entrar nas casas, matando o povo preto. Não precisa nem ser julgado nos tribunais, a polícia tem licença para matar e dizer que foi troca de tiros. Nós sabíamos que não era troca de tiro. Que era extermínio. (discurso de Bibiana, p. 221).

A terceira e última parte do livro, tem início a partir da morte do militante Severo e uma nova narradora, Santa Rita Pescadeira, uma encantada que se expressava no corpo de Miúda nas festas de Jarê. A narrativa destaca o reconhecimento de Bibiana enquanto quilombola e a demonstração ao seu povo, que os quilombos pertenciam àqueles que se destinaram ao cuidado das terras e que seus ancestrais mereciam o respeito às suas memórias. Essa constatação deriva da dedicação, sofrimento e conhecimento ancestrais em fazer as terras crescerem e, por isso, seus descendentes tinham o direito ao espaço que ocupavam. A narradora conclui a história mencionando as vozes de mulheres sufocadas pelas tragédias impostas pela realidade de ser mulher, negra, indígena, abandonada, violentada, viúva, mãe com filhos, mãe que sofreu a morte do filho, enfim, muitas mulheres e muitas vidas.

O livro tem um final, mas a obra não. Torto Arado nos conta a história de um Brasil perverso com os grupos populacionais originários e tradicionais, de um passado que incansavelmente se reproduz nas relações de trabalho e na questão agrária. Por outro lado, nos lembra da rica diversidade de um país de extensão continental, colorido, festejante e de grande diversidade sociocultural.



Foto: Arquivo Pessoal

*Doutora e Mestre em Ciências Sociais pela (PUC/SP). Graduada em Sociologia e Ciência Política pela FESP/SP. Atua em consultoria, palestras e compliance de Gênero, Diversidade, Saúde e prevenção à Discriminação no Ambiente de Trabalho.

Questionar a sociedade é um ato libertário e necessário

Por Maria Carolina Silva de Sousa*

Todo grande evento que ocorre no mundo e cause grande impacto na maneira com que nos relacionamos, como ocorreu com o surgimento do vírus SARS-CoV-2 (COVID-19), é tido como um “divisor de águas”, especialmente para parte da sociedade ocidental, acostumada com um discurso aterrador de mudança e adaptação para um curto ou longo período. No compasso da ideia de questionar as mudanças advindas da pandemia, levando em consideração a economia e o impacto no meio ambiente, Ailton Krenak, líder indígena, ambientalista, escritor brasileiro da etnia indígena Krenák e agora Imortal da Academia Brasileira de Letras (ACL), nos faz inquirir por meio da obra *A vida não é útil* sobre como nossas ações reverberam em cada pedaço deste planeta que achamos conhecer tão bem.

Resultado de um conjunto de materiais organizados pela excepcional Rita Carelli, a obra conta com cinco textos adaptados de palestras, entrevistas e lives realizadas entre novembro de 2017 e junho de 2020. Apesar de ser um conteúdo independente e com sua própria linha de raciocínio – com começo, meio e fim – para uma experiência satisfatória e para formação de repertório do autor, vale procurar por suas outras obras: *Ideias para adiar o fim do mundo* (2019) e *Futuro Ancestral* (2022). A linha que conecta todas as obras é densa e traz suas particulares com muita maestria.

Cada um de seus cinco textos apresentados em *A vida não é útil* se dispõe a nos oferecer uma versão re-



Foto: Divulgação Instagram

sumida, mas bem estruturada, sobre cada linha de pensamento explorada e trazida a luz pelo autor. O apelo acima para a procura de outras obras de Krenak não surgiram por mero acaso: apesar da excelente disposição feita ao longo de suas páginas, alguns conceitos ou exposições não serão explorados com minúcia, sendo citados como se o leitor já tivesse alguma bagagem para entender e pros-

No primeiro capítulo, intitulado *Não se come dinheiro*, o autor nos coloca como sujeitos passíveis diante das



Foto: Arquivo Pessoal

novas tecnologias, como quando cita o progresso célebre das big techs ou a corrida espacial para Marte. Segundo ele, estamos “viciados em modernidade” e por conta desta cegueira proporcionada pelos artifícios do consumo e do entretenimento, abrimos brechas para negacionistas e teorias conspiratórias. Para o autor, nossa existência se torna cômoda com a falsa sensação de proteção advinda dos aparatos tecnológicos, nos fazendo esquecer que a vida (e o modo como a vivemos) é mais do que uma concentração de poder que nos aterroriza com suas ameaças diárias e nos torna uma sociedade cada vez mais doente e amedrontada com o próximo problema emergencial a ser resolvido. O poema citado por Krenak de Carlos Drummond de Andrade, chamado O Homem; As Viagens é o melhor resumo sobre a elucidação do autor.

A partir do segundo capítulo, Sonhos para adiar o fim do mundo, fica claro que o agro não é nada pop. Com um toque mágico e intimista, Krenak apresenta tradições de seu povo e coloca em xeque o conceito de humanaidade, principalmente ao abordar tragédias climáticas e as consequências do crescente investimento no agronegócio. Como forma de costurar seus argumentos, somos apresentados ao conceito de “sonho”, como uma instituição que se revela um modo de vida ligado a ancestralidade de seu povo. É por meio do sonho que se cria uma consciência coletiva, o cuidado com os afetos e a conexão

com a natureza, sendo uma extensão das ações do cotidiano. Uma forma de acolher o mundo e de identificar outra maneira de relacionar com ele. Quando pensamos no sistema citado acima pelo autor, vem à nossa mente um conceito de sociedade pronta para se unir em prol de uma necessidade coletiva. Em A máquina de fazer coisas, a ideia persiste e com um exemplo bem claro e didático: na pandemia, mesmo com alguma desobediência, foi aceitável a ideia do distanciamento social. Uma ação que poderia ser lida como individualista foi uma das responsáveis pela redução a incidência da doença em 2021, conforme estudo trazido pelo Instituto de Matemática e Estatística (IME) da USP. Então, o que torna tão difícil não seguir este mesmo passo na busca pela preservação das florestas?



Foto: Divulgação Instagram

Quem ganha com o desmatamento da Amazônia ou as queimadas no cerrado? Será que o capitalismo conseguiu nos convencer que podemos reproduzir a natureza? São questões que aparentam serem simples, mas te trarão boas reflexões. Como o autor diz ao final do capítulo *“Ou você ouve a voz de todos os outros seres que habitam o planeta junto com você, ou faz guerra contra a vida na Terra”*.

Lançado em formato de livro em 2020, o penúltimo capítulo, O amanhã não está à venda, nos permite regressar para o momento em que vivímos a pandemia por COVID-19, com todos os anseios e perdas. A banalização da morte, o retorno com o esquecimento e as novas práticas são postas sob um olhar crítico sem papas na língua. E, por último, o capítulo que dá nome ao livro, temos um apanhado das exposições feitas ao longo da obra, com ênfase na herança que iremos deixar para este momento e de que forma o capitalismo contribui para a insaciade de um mundo de aparências e crenças vazias.

É uma obra de resgate e muito aprendizado. Com simplicidade e muita competência, Krenak se dispõe como um pensador expoente de nossa geração, com um discurso potente contra o antropocentrismo que corrói o mundo moderno. Ainda temos tempo antes da aniquilação de nossa civilização.



*Jornalista formada pela FIAM-FAAM e estudante de Produção Editorial. É especialista em comunicação política e uma grande fã de literatura policial.

As ESCREVIVÊNCIAS de Conceição Evaristo

Por Thatiane dos Santos Souza*



Foto: Divulgação Instagram

Maria da Conceição Evaristo de Brito é uma das mais importantes escritoras Brasileira da contemporaneidade, nasceu em 29 de novembro de 1946, em Belo Horizonte (MG), filha de Joana Josefina Evaristo e mãe de Ainá Evaristo de Brito. Mudou-se para o Rio de Janeiro em 1973, onde se graduou em Letras pela UFRJ, mestra em Literatura Brasileira pela PUC-Rio em 1996, doutora em Literatura Comparada na UFF em 2011. Foi professora da rede pública no Rio de Janeiro até se aposentar em 2006.

Conceição Evaristo é autora de contos, poemas e romances, traduzidos nas línguas: alemão, francês, inglês, espanhol, árabe, italiano e eslovaco. Em 1990, fez sua primeira publicação dentro da série Cadernos Negros, construção do grupo Quilombo-je e seu primeiro livro foi publicado de forma totalmente independente chamado Ponciá Vicêncio (2003), livro que foi relançado em 2017 pela editora Pallas, depois vieram as publicações dos livros Becos da Memória (2006), Poemas da Recordação e Outros Movimentos (2008), Insubmissas Lágrimas de Mulheres (2011), Olhos d’água (2014), Histórias de Leves Enganos e Parecenças (2016), Canção para ninar menino grande (2022) e Macabéa (2023). A autora diz que escrever e publicar são atos políticos e que só aceita publicar em editoras grandes se mantiver a liberdade para publicar nas editoras menores que lhe abriram as portas no início.

Sua importância e trabalhos receberam reconhecimento com premiações como: Prêmio Jabuti (2015), Prêmio Faz a Diferença, d’O Globo (2016), Prêmio Juca Pato (2023) e ocupou em 2024 a cadeira nº 40 da Academia Mineira de Letras, sendo a 1ª mulher negra da história a ocupar o posto. Conceição Evaristo teve participação como ponta no filme Medida Provisória, dirigido por Lázaro Ramos (2022), marcando seu trabalho como ativista e militante da valorização da cultura negra.

A autora cunhou em 1995 o termo “Escrevivência”, pelo qual destaca

que é mais do que uma escrita das vivências de mulheres negras, é também “escrever, vivendo e se vendo no próprio texto poético”. É uma forma de tentar transpor em palavras o que parece não ser possível descrever, o que as palavras parecem não dar conta.

Sua escrita é de uma profundidade visceral que nos sensibiliza, emociona e a própria autora relata que durante seus escritos, em alguns momentos foi necessário pausas para dar espaço ao choro e a emoção, e o mesmo acontece com o leitor.

Em Ponciá Vicêncio, Conceição Evaristo relata a história da personagem que tem o mesmo nome do livro. Ponciá depois de sair do povoado onde morava e trabalhava o barro com a mãe, fazendo diversos objetos e utensílios, pega o trem em direção a cidade, em busca de uma vida melhor. Ponciá tem no peito o desejo de trabalhar, juntar dinheiro, comprar uma casa e voltar para buscar os seus.

“A vida lhe parecia possível e fácil”. Depois de passar anos sem ter contato com a família, seus sonhos também desaparecem e passa a existir como “morta-viva”. Seu brilho e seu vigor vão mimando dia após dia. Ponciá “guardava a esperança de revê-los um dia”.

Conceição nos provoca a refletir sobre o processo de “libertação” dos escravizados, com a Lei Áurea, que parecia ser o início de uma vida em

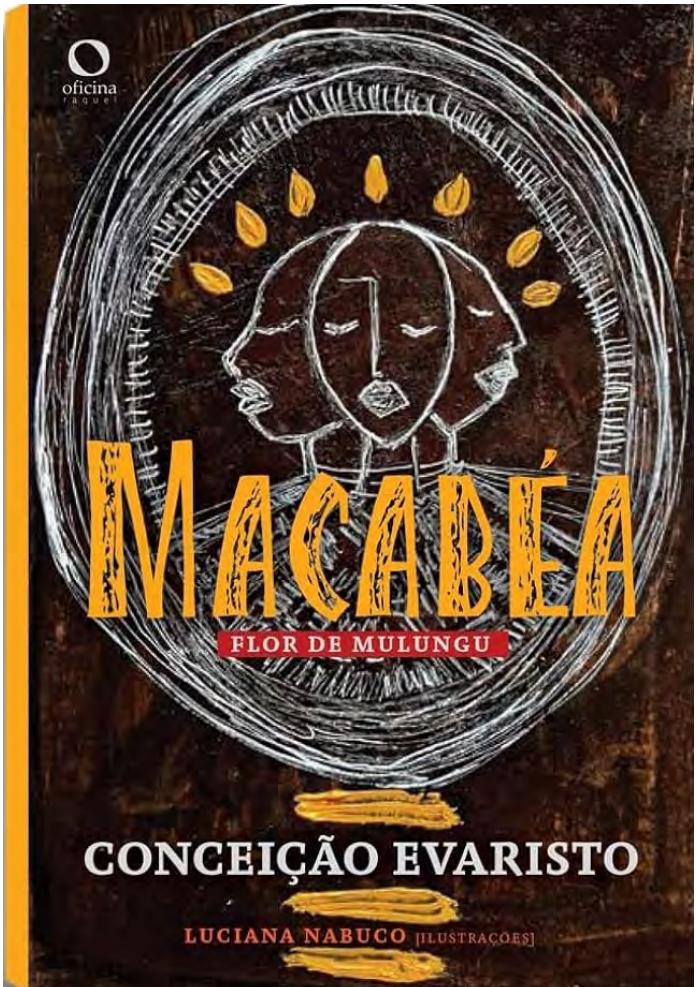


Foto: Divulgação Amazon

“A vida lhe parecia possível e fácil”. Depois de passar anos sem ter contato com a família, seus sonhos também desaparecem e passa a existir como “morta-viva”. Seu brilho e seu vigor vão mimando dia após dia. Ponciá “guardava a esperança de revê-los um dia”.

“A vida escrava, continuava até os dias de hoje. Sim ela era escrava também. Escrava de uma condição de vida que se repetia. Escrava do desespero, da falta de esperança, da impossibilidade de travar novas batalhas, de organizar novos quilombos, de inventar outra e nova vida.”

liberdade, mas que na realidade continuava sendo um processo de escravização, sem oferecer nenhum tipo de direitos e reparação aos negros, que sem trabalho, sem ter o que comer e onde morar, se viam obrigados a continuar trabalhando para os senhores brancos em troca de um lugar para morar e comer. Em um trecho do

A crueldade, desumanização e humilhação vivenciados pelo processo de escravização, ficam escancarados em diversos momentos. A autora descreve uma situação vivenciada pelo pai de Ponciá quando ele ainda era criança e era levado para brincar e fazer companhia ao filho do Coronel Vicêncio, quando um dia o garoto branco pede ao pai de Ponciá que ele abra a boca para que o menino faça xixi em sua boca. Enquanto o garoto branco gargalhava com a situação, as lágrimas escorriam dos olhos do garoto negro que era humilhado.

O avô de Ponciá, no momento em que não consegue mais suportar tantas violências, mata a mulher e tenta dar fim em sua própria vida, mas após decepar sua própria mão é impedido de acabar com sua vida e passa o resto dos seus dias rindo e chorando ao mesmo tempo. Diziam que o vó Vicêncio havia enlouquecido. O avô de Ponciá morreu, já velho quando ela era ainda bem pequena, ainda assim ela se lembrava dos detalhes de seu avô. E as semelhanças entre eles impressionava, desde a fisionomia

aos trejeitos do avô que a menina teimava imitar.

Como não enlouquecer? Como manter a saúde mental? É difícil pensar em saúde sem pensar nas condições físicas, sociais e mentais que envolvem: as condições de trabalho, de alimento, moradia, de relações sociais, entre outras. Pensar em saúde é pensar em saúde física, saúde financeira e saúde mental.

São tantas as violências, inclusive a de ter que carregar o registro do nome de seus malfiteiros: Vicêncio, sobrenome de Ponciá, não era seu, e sim do Coronel, responsável pela escravização de sua família.

Conceição em seu livro Ponciá Vicêncio não fala apenas das mazelas da vida, do sofrimento, fala também de família, afeto, amizade, amor, ancestralidade, conhecimento, arte e resistência.

No povoado onde Ponciá nasceu, todos que chegavam eram considerados família, podiam escolher a casa para dormir e o pouco alimento que tinham era compartilhado entre todos. Ponciá e o irmão Luandi, quando voltaram ao povoado em busca da mãe, foram acolhidos pela comunidade.

Nêngua Kainda representa o respeito à ancestralidade, ao conhecimento dos mais velhos. O que ela dizia era lei, todos ouviam e respeitavam. Era a representação do respeito ao tempo das coisas, do saber esperar o tempo de plantar e de colher.

Soldado Nestor representa a amizade, no cuidado com Luandi, irmão de Ponciá que também pegou o trem em direção a cidade, em busca da irmã e que também sonhava em conseguir oferecer uma vida melhor para sua família. Soldado Nestor levou Luandi a uma exposição de obras de artes feitas com o barro e lá o rapaz identificou os trabalhos de arte feitos por sua mãe, Maria Vicêncio e irmã. Quantas artes, produções, conhecimentos de pessoas negras são roubados, apagados e deslegitimados até os dias de hoje.

A família de Ponciá luta e não desiste para se ver unida novamente. Tanto Ponciá como o irmão trabalham duro, sonham e buscam uma vida melhor. Depois de alguns anos, as dificuldades e violências tiram deles a alegria de viver, mas não desistem, não deixam de desejar, de querer estar juntos novamente.



O romance de Ponciá Vicêncio se passa em outro tempo da história, mas facilmente poderia ser transportado para os dias atuais. As dificuldades sociais enfrentadas pelo povo negro continuam escravizando e nos colocando em um lugar de luta pela sobrevivência. Assim como a família de Ponciá, muitos migram para outras regiões em busca de melhores oportunidades e de uma melhor qualidade de vida.

A escrita de Conceição possibilita a identificação com os personagens, leva o leitor a vivenciar a história, torcer pelo reencontro, união e felicidade da família de Ponciá.



*Psicóloga, graduada em Psicologia FMU Centro Universitário. Psicanalista e Arteterapeuta.

Mostra Virtual de TALENTOS

Para alunos
e professores



**Participe e contribua para semear
a ARTE e a CULTURA
na comunidade acadêmica!**

Ó Pai Ó 2

É um filme que aquece o coração, que faz rir e emociona na medida certa

Por Jenyfer Oliveira*



Ó Pai Ó 2 apresenta uma nova roupagem, mantendo um contexto histórico similar ao do primeiro filme, lançado em 2007, mas com uma abordagem mais atualizada. Algo especial no filme é a sua representatividade ao colocar em destaque personagens negros, cada um com suas histórias e lutas individuais, celebrando a diversidade e dando voz àqueles que muitas vezes são marginalizados.

A força do filme reside em sua capacidade de misturar questões sociais com momentos de leveza e diversão. A crítica à desigualdade social e ao racismo estrutural é evidente e bem explorada a cada minuto.

O cenário principal continua sendo um cortiço, com moradores que antes formavam apenas uma comunidade, mas que ao desdobrar da história, se unem como uma família. O protagonista é Roque (Lázaro Ramos), que desde o início demonstra o seu desejo de se tornar um cantor famoso e lançar sua música para expressar a cultura baiana e os tempos de carnaval.

Em meio a sua busca por realizar esse sonho, Roque une forças com Reginaldo (Érico Brás), Yolanda (Lyu Arisson), Maria (Valdineia Soriano), Matias (Jorge Washington) e a mãe Raimunda (Cássia Vale) por um propósito: ajudar Neusão (Tania Toko) a recuperar seu bar, local de encontro e prosa da turma e, que foi tomado, devido ao acúmulo de dívidas. A polêmica personagem Dona Joana (Luciana Souza) não se junta a eles nessa empreitada, pois ainda carrega o peso do luto pela perda de seus filhos, Cosme e Damião, assassinados pela polícia há 15 anos.

A oportunidade de ajudar Neusão surge com a proximidade da Festa de Iemanjá, uma das celebrações mais importantes da Bahia, que se torna o momento propício para todos se preparam para juntar o dinheiro necessário para reconquistar o bar.

A partir disso, testemunhamos uma comunidade unida e decidida a ajudar sua ente querida e nesse momento a

arte surge como uma solução, no qual todos reúnem o útil ao agradável, organizando uma festa para lançar a nova música de Roque. Nesse momento vemos pessoas de garra, cansados de serem passados para trás. Resistentes e conscientes de sua identidade racial, eles se posicionam para reivindicar seus direitos. Uma das frases que reflete a essência dessa luta para ajudar Neusão é dita por Maria (Valdinéia Soriano):

"Ninguém vai tirar o ganha-pão de uma mulher negra e sair impune."

Apesar das suas qualidades, o filme também tem suas falhas. Algumas cenas poderiam ter sido mais exploradas, aprofundando certos aspectos da história e dos personagens, como o passado de Psilene (Dira Paes) e de Joana. Além disso, em momentos a trama pode parecer um tanto previsível, seguindo um caminho já



Foto: Divulgação H2OH Filmes

conhecido em narrativas similares. Essas falhas são pequenas diante da grandiosidade desse filme que aquece o coração, que faz rir e emociona na medida certa. É uma celebração da cultura baiana, da força da comunidade e, acima de tudo, da resistência e da luta por justiça e igualdade.

Ó Pai Ó 2 apresenta de forma vívida a autêntica cultura do Pelourinho, destacando negros antirracistas que conhecem seu lugar de fala e têm orgulho de suas raízes, especialmente de sua religião. Esta sequência honra o legado do primeiro filme e não é à toa que atingiu quase R\$1 milhão em bilheteria quando foi lançado. Ó Pai Ó 2 vai além, trazendo uma narrativa envolvente, personagens cativantes e uma mensagem poderosa sobre união, identidade e esperança.

"Este filme é dedicado a todas as pessoas

*Jornalista graduada pela FIAM-FAAM Centro Universitário. Com vinte e três anos e apaixonada por literatura, artes visuais, dança, música, teatro, moda e principalmente por Jesus.



Foto: Arquivo Pessoal

Do pé descalço ao Cacildis:

Uma homenagem a Antônio Carlos

Por Mariana Lima*

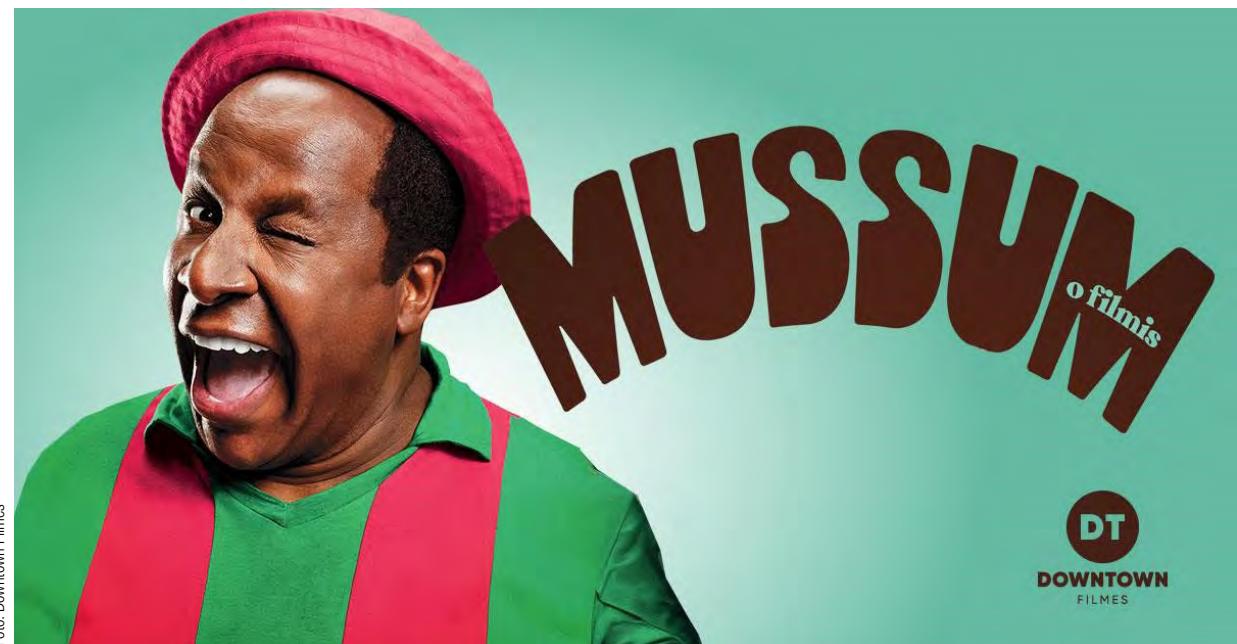


Foto: Downtown Filmes

estreando na direção cinematográfica, Sílvio Guindane traz às telas, com roteiro de Paulo Cursino, a trajetória de Antônio Carlos Bernardo Gomes, popularmente conhecido como Mussum e carinhosamente apresentado como Carlinhos logo no início do filme.

Representado em três fases, por Thawan Lucas Bandeira, Yuri Marçal e Ailton Graça, é possível conhecer respectivamente o menino e o jovem músico Carlinhos e a construção do humorista Mussum, nome atribuído a ele durante um esquete com o ator Grande Otelo.

Durante as duas horas de filme, é possível ver como o menino é atravessado pelas desigualdades sociais e

pelos sonhos de sua mãe – que quer o melhor para ele –; pelos dilemas enfrentados por um jovem adulto que estava na Força Aérea Brasileira, mas queria estar apenas fazendo sua música com (até então) Os Modernos do Samba; e, posteriormente, pela caracterização de um homem preto retinto em um programa humorístico e como toda essa construção de personagem é impulsionada, sendo inclusive confundida por muitos com a vida real de Antônio Carlos. O filmis deixa muito explícito o que propõe: homenagear uma personalidade que nasceu e cresceu nas favelas do Rio de Janeiro e foi conquistando seu espaço, fazendo suas escolhas – cheias de dúvidas ao longo do cami-



Fotos: Downtown Filmes

51º Festival de Cinema de Gramado
MOSTRA COMPETITIVA
DE LONGAS-METRAGENS BRASILEIROS
MELHOR FILME

51º Festival de Cinema de Gramado
MOSTRA COMPETITIVA
DE LONGAS-METRAGENS BRASILEIROS
MELHOR ATRIZ COADJUVANTE

51º Festival de Cinema de Gramado
MOSTRA COMPETITIVA
DE LONGAS-METRAGENS BRASILEIROS
MELHOR ATOR

Fotos: Downtown Filmes

bilidade para esses momentos. Ele fortalece o vínculo entre o protagonista e sua mãe, que faz de tudo para que seus filhos tenham uma condição de vida melhor do que a que ela teve. Por outro lado, o racismo que Antônio Carlos viveu é suavemente abordado no longa. Ele existe, mas como um pano de fundo, sem foco, sem relevância, sendo quase um figurante ali no meio de tantos artistas que passaram pela vida de Mussum.

Os momentos de conflito durante o filme são ótimos e carregados de emoção, o elenco todo encanta e faz os olhos brilharem. A narrativa começa com Mussum atuando e cortando para essa trajetória da vida. A veia humorística sempre esteve presente, assim como o samba, e é difícil ver o conflito entre Antônio Carlos e Bigode, seu amigo e companheiro de banda, sobre a continuidade de Mussum no Os Originais do Samba, que decidem expulsá-lo do grupo e ele

segue seu caminho no humor com Os Trapalhões. É sabido que o racismo é presente na vida de todos os negros e na vida de Antônio Carlos não foi diferente, o longa mostra em poucos momentos alguns desconfortos e reações às “piadas” racistas e, obviamente, Mussum usava de seu humor para responder a elas. O personagem Mussum foi construído em cima de estereótipos preconceituosos e que têm suas raízes profundas, tão enraizadas, que precisam ser desconstruídas, pois o racismo tornou-se crime e descolonizar os preconceitos torna-se urgente para aqueles que permanecem vivos e que fazem parte dessa história.

Ficha técnica:

Direção: Silvio Guindane
Gênero: Biografia
Ano: 2023
Onde assistir? Telecine



Fotos: Downtown Filmes

*Egressa curso Jornalismo FIAM-FAAM Centro Universitário, Ecofeminista animalista graduada em jornalismo, no FIAMFAAM. Utilizo a curiosidade, entusiasmo, criatividade e determinação contribuindo com a construção de ambientes mais harmônicos e saudáveis. Valorizo o trabalho conjunto, pois acredito serem nas trocas de experiências que progredimos e colaboramos com o outro. Como comunicóloga, tenho grande apreço tanto pelo verbal, quanto pelo escrito e apostei em uma comunicação objetiva, acessível e empática.



Fotos: Downtown Filmes

CHICO CÉSAR

E as canções que ele fez para o mundo

Por Rosimeire Cruz*

Chico é um ser político e se orgulha disso. Em um Brasil que é construído dia a dia, a partir da luta da classe trabalhadora e dos embates de ordem social, cultural e de raça, ele se posiciona em suas canções de maneira efetiva, assertiva e contundente, “sempre como um copo cheio” fazendo alusão à maneira positiva e ativa com que escolheu viver e produzir suas canções. Francisco César Gonçalves (Chico César) completou este ano de 2024, 60 anos de idade e já soma quase três décadas desde o primeiro lançamento de sua obra: o CD *Aos Vivos* (Velas - 1995), disco acústico e ao vivo que teve a participação do cantor, compositor e arranjador, Lenine e do instrumentista Lany Gordin.

O menino prodígio do município de Catolé do Rocha, interior da Paraíba, passou pela sua primeira seleção para participar de um grupo de músicos ainda no primário. Após um dos colegas de escola ouvir cantarolar, o apresentou para a turma que era composta por garotos de até 12 anos que já levavam a música a sério e que faziam uso de instrumentos improvisados. Chico foi levado pela música ainda criança. Seu primeiro instrumento foi a gaita, um presente de seu irmão, e seu primeiro contato com grandes artistas se deu na loja de discos onde trabalhou dos oito aos 15 anos de idade. Sua primeira composição foi

composta sem ele ao menos entender o que aquilo tudo significava, acreditou até que a canção era do cantor e compositor Martinho da Vila.

“Eu espero 11 meses, parecem 11 anos, consola sempre às vezes acaba os desenganos. Quando chega fevereiro acaba se a monotonia é um show bem brasileiro. Nego canta! Nego assobia! E ele traz o carnaval, que traz muita alegria pra mim, afinou a minha viola e corou meu tamborim. Quando chega quarta-feira fica tudo anormal meu coração fica chorando, pois se foi o carnaval”.

Na loja de discos cantarolou o samba e perguntou aos colegas e ao patrão de quem era a música? Que lhe responderam: *“Essa música não é de ninguém não, caboclinho! Essa música é sua! Canta aí que a gente vai gravar para você não esquecer”*.

Ele tinha apenas treze anos e sua música já era a materialização de um sentimento de pertencimento e valorização da cultura brasileira.

Chico inicia sua carreira na música ainda menino. Aos 16 anos, se muda para João Pessoa, onde cursou jornalismo na Universidade Federal da Paraíba, e aos 21 anos, vai ao encontro de seu sonho em São Paulo. Entre uma escrita e outra se lança na carreira artística primeiramente como compositor, tendo suas canções interpretadas por cantores que já tinham notoriedade no mercado da música, como exemplo: Daniela Mercury (*A Primeira Vista* - 1996, *Pensando em Você* - 2005) Maria Bethânia (*Onde estará o Meu Amor* - 1997, *A For-*



Foto: Site SMF/SP

ça que Nunca Seca - 1999, Grão de Mar - 2007).

Mama África

A música que o consagrou como intérprete da MPB foi criada na década de 1980, em seu trajeto a pé do bairro Santo Amaro, até o Aeroporto Congonhas, para buscar sua irmã Emerina. No trajeto de volta enquanto sua irmã lhe contava as novidades, Chico seguia concentrado em não esquecer a música que havia criado a partir de seu olhar crítico que observava as mulheres que transitavam pelas ruas de São Paulo às cinco horas da manhã, rumo a mais um dia de trabalho. Surge então a música – Mama África. A música foi criada a partir da diáspora africana pensando a África como uma mãe que até hoje é explorada pelos colonizadores e também as mulheres e mães solo que precisam se desdobrar para atender as demandas do dia a dia, alimentando seus filhos, cuidando dos afazeres domésticos e saindo para trabalhar. São mais de 40 anos e a canção segue atual e relevante para a sociedade que ainda hoje, enfrenta questões de gênero e raça.

Fazedor de canções

A trajetória de Chico César exigiu do cantor muito mais que dom e competência para arte, mesmo tendo seu talento em evidência, as questões financeiras e de reconhecimento o mantinham no anonimato, levando-o a exercer sua profissão de jornalista, logo que chegou a São Paulo, no bairro Vila Madalena onde uma amiga o hospedou.

Chico se consolidou como compositor e músico brasileiro em 1995 (nacional e internacionalmente) com a música – Mama África – do seu primeiro álbum – Aos Vivos – o vídeo clipe da canção lhe concedeu o prêmio de – melhor videoclipe de MPB, pela MTV Vídeo Music Brasil, no ano seguinte.



Imagem: Divulgação

Suas inspirações musicais o remetem a uma época em que as letras da música popular brasileira retratavam a história do Brasil de maneira crítica dando notoriedade a questões de ordem social e política. As chamadas músicas de combate que eram representadas por nomes como, Paulinho da Viola, cantor e compositor de samba brasileiro.

Suas intenções como músico sempre foram fazer uso da criatividade para impactar as pessoas. Como ele ressalta em uma entrevista para o podcast Emoção Criativa, apresentado por Pedro Garcia de Moura em abril de 2023, em que diz que acredita no esperar agindo e no lutar amando; acredita também, que suas canções não se enquadram em um único contexto, pois a necessidade de transitar em outros universos é que o motivam a seguir compondo. "Meu grande fascínio é criar coisas novas" ressalta o cantor.

Músico atemporal

O disco Estado de Poesia (2015) – ao Vivo, lhe rendeu o Prêmio da 29ª edição da Música Brasileira 2018 na categoria melhor álbum de "Pop, Rock, Reggae, Hip Hop e Funk".

Em 2022 teve sua canção Deus me proteja – lançada em 2008, no disco Francisco Forró y Frevo – aclamada pelo povo, e entre as mais acessadas pelas plataformas de streaming, por ter sido cantada por Juliette Freire Feitosa, sua conterrânea, (advogada e maquiadora) enquanto participava de um reality show de grande audiência, o Big Brother Brasil (BBB) da TV Globo.

A canção ficou entre as três mais tocadas e aumentou em mais de 170% o acesso nas plataformas digitais. Ele acredita que a música ultrapassa as barreiras do preconceito e faz do seu trabalho uma revolução no meio artístico se conectando e fazendo parcerias com músicos experientes



e também com quem está se lançando na carreira musical.

Posicionamento político

Política nunca foi uma questão enquanto artista e a pessoa que se coloca para a sociedade, ele se manifesta de maneira natural, calma e categórica. Pois para Chico não há como separar um do outro. Em sua música lançada em 2022, momento em que o Brasil se dividia entre uma política arcaica, pautada em retrocessos e a volta de política inclusiva e progressista, Chico compôs a música *Bolsominions*, que é uma crítica à parte da sociedade brasileira, que para manter seus privilégios ovacionam o ex-presidente Jair Bolsonaro, eleito em 2019 e que em 2022, deixou a presidência sem passar a faixa para o atual presidente, Luiz Inácio Lula da Silva (Lula) que foi eleito pelo povo pela terceira vez.

O artista enfatiza que a música se refere aos vendilhões do templo. "Gente que cultua o deus dinheiro, as armas, a terra plana, a negação da ciência, a misoginia, o racismo, a perseguição e a diversidade sexual".

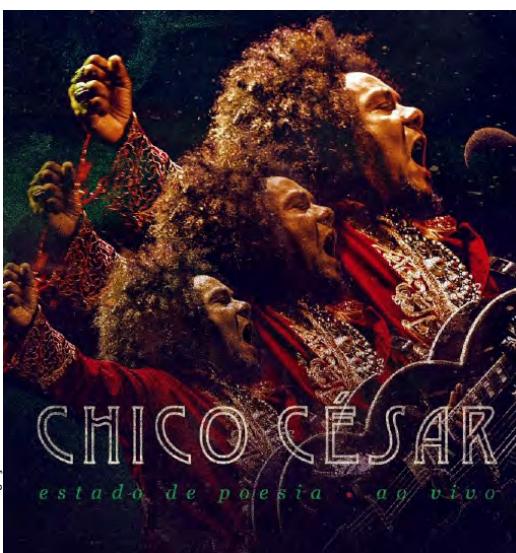


Foto: Divulgação

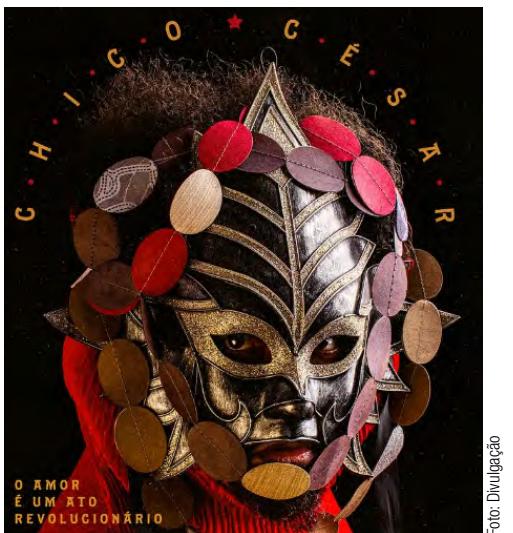


Foto: Divulgação

Chico emana fé, não apenas a religiosa, mas também a fé na humanidade que mesmo diante do desmonte político se unem para valer seus direitos democráticos.

As multifacetadas de Chico

Cantor, instrumentista, poeta, escritor, jornalista e compositor, possivelmente sua maior habilidade. São quase duzentas canções autorais e parcerias com nomes como: Gal Costa, Zizi Possi Ana Carolina, Vanessa da Mata, Mônica Salmaso, Paulinho Moska, Zeca Baleiro, Zélia Duncan, Marcelo Jeneci, Ceumar, entre tantos outros que em parceria com Chico enriquecem a Música Popular Brasileira (MPB).

Como cantor já são 42 lançamentos entre CDs com mais de 15 faixas e os singles nas plataformas de streaming. Irreverente representa em seu trabalho manifestações livres e políticas com a mesma intensidade. Seu álbum *Sobrehumano*, em parceria com o cantor e músico Salif Keita, conhecido como a voz de ouro da África, evidencia o artista comprometido com pautas fundamentais para o contexto social mundial. Já na capa do

Verão + Beije Antes (singles com Zeca Baleiro) os artistas se apresentam nus na capa em arte em meio a natureza.

Instrumentista ganhou seu primeiro violão como prêmio de consolação por sua atuação como revelação, em um festival de música onde se apresentou em sua cidade natal, enquanto ainda descobria o que aquilo tudo significava. A literatura de cordel referência da cultura nordestina é sem dúvida sua grande inspiração tanto para criar seus poemas quanto para compor suas músicas. São quatro livros lançados que remetem a sua cultura regional. Rio Sou Francisco é o seu primeiro livro e traz o cordel e a poesia.

Chico está entre os grandes nomes da música no Brasil e se mantém entre os mais ouvidos e consagrados, por sua pluralidade, criatividade e colocação. Viver para a música sempre foi sua maior ambição e ele segue fazendo o que acredita considerando suas origens, seus mestres e músicos como Arrigo Barnabé e Pedro Osmar que lhe deu o nome "Chico César" que como previu representa potência e segue nos orgulhando.



Foto: Arquivo Pessoal

FMU

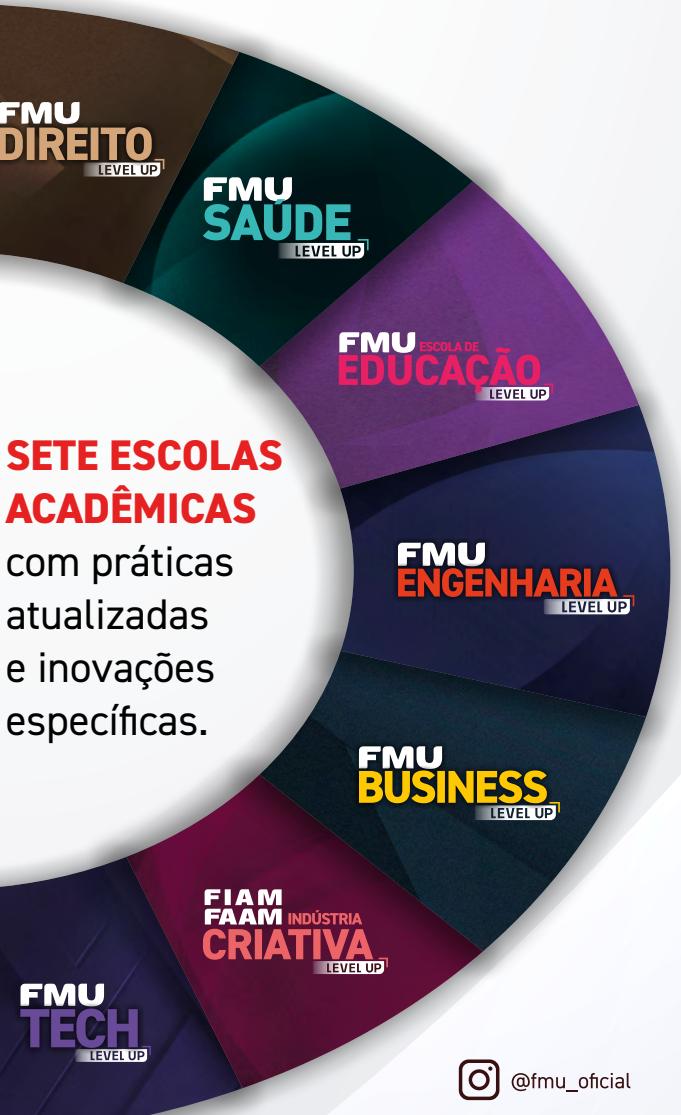
LEVEL UP

CONHEÇA AS NOSSAS ESCOLAS E ESCOLHA A SUA.



Alunos com **PERFIS DIFERENTES**, desafios de mercado diferentes.

Para **POTENCIALIZAR AINDA MAIS O SEU TALENTO**, proporcionamos uma nova perspectiva sobre o poder da escolha:



*Jornalista, formada pelo Centro Universitário FIAM FAAM. Especialização em Comunicação e Marketing Digital ECA-USP. Redatora com experiência em jornalismo cultural, diversidade, raça, meio ambiente e educação.



**ESCANEIE
O QR CODE**

e tenha mais informações sobre a **escola da sua escolha** e também sobre os **cursos disponíveis**:

56 ANOS DE INOVAÇÃO
na formação dos
GIGANTES DO MERCADO.

JUNTE-SE A ELES.

Maria Auxiliadora: Uma artista nada primitiva

Um estudo da linguagem como engrenagem do racismo dentro da História da Arte

Por Carlos Henri*



Imagen: MASP

Pensar o Brasil enquanto um país antirracista ainda é uma realidade distante ou quase utópica quando falamos sobre como o movimento negro é visto pela branquitude brasileira. Essa luta, que é ancestral e contínua, tem o objetivo de romper as estruturas coloniais, segregacionistas e excluidentes criadas pela branquitude no imaginário e vivência negra. E entender a colonialidade e as cicatrizes causadas por ela na história do Brasil é essencial para adentrarmos na luta anticolonial. Não apenas para resgatar o livre acesso às necessidades básicas da vivência, como saúde e educação, mas, também, reivindicar nossa vivência enquanto protagonistas em nossas próprias produções artísticas, filosóficas, cul-

turais e intelectuais. Tal branquitude que desenvolveu durante 388 anos de escravatura as mais elaboradas formas de privar acessos aos não brancos em todos os âmbitos e lugares, e faz 135 anos que reivindicamos e ocupamos esses mesmos direitos e lugares através dos processos de retomada. A máquina ‘racista’ é, e está presente em todos os âmbitos da vivência não branca, e todas as membranas dessa máquina são igualmente letais, mas não igualmente visíveis. Sendo assim, dentre todas essas manifestações do racismo, escolho estudar e desenvolver um pensamento ao redor das perspectivas e colocações linguísticas que afetam a história da arte brasileira e afro-brasileira, pensando a diáspora africana enquanto

algo inegavelmente primordial para a construção do Brasil, enquanto potência cultural.
“Maria Auxiliadora: Uma artista nada primitiva. Um estudo da linguagem como engrenagem do racismo dentro da História da Arte”, nasce desta inquietação ao entender a necessidade de reconstruir um mundo onde exista uma vivência livre e a qual não agrida nossos corpos a todo momento. E coloco aqui que antes mesmo de entender a arte e o movimento artístico a qual a artista foi colocada, entender a criação de ‘raça’ enquanto uma forma colonial de distinguir o branco do não branco. A ‘raça’ como uma noção ideológica criada para a distribuição de poder, que a partir da escravatura redefine os pa-

drões de classes sociais, definindo aqueles que teriam a possibilidade de acessar o poder dentro da sociedade. Sendo esse poder não apenas aquisitivo, mas também intelectual e cultural. Para a construção desta pesquisa e deste novo mundo, que cresce através de brechas, crio uma ênfase em duas palavras importantes que definiram e categorizaram não apenas trabalhos, mas artistas brasileiros como ‘primitivos’ por volta dos anos de 1970 com o grande crescimento do movimento artístico dito como “Primitivista”, que em sua maioria era (e ainda é) composto por artistas não brancos, e em sua maioria de pessoas negras. Dentro dessas questões, as palavras estudadas são “Naif” e “Primitivo”, na intenção de entender a diferença entre essas duas palavras, que mesmo tendo significados próximos, carregam uma qualificação e peso diferentes, e cada uma é direcionada a um tipo de artista muito específico.

Tendo este recorte de pesquisa, utilizei dos materiais disponibilizados pelo Centro de Pesquisas do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP) para criar um diálogo e apontar por meio de uma análise de discursos as manifestações racistas nas construções de falas, artigos e textos de jornalistas e críticos de arte brasileiros sobre o trabalho de Maria Auxiliadora entre 1970 e 1980. Busco entender as características as quais eram colocadas sobre a artista, e que a categorizavam enquanto primiti-

va segundo o olhar desses críticos, que veem a arte de uma forma euro-centrada, analisando a estética de criação/produção artística que excluía a vivência cultural afro-brasileira, enquanto detentora de conhecimentos, invalidando suas filosofias e intelectualidades. As representações feitas por Auxiliado-



Imagen: MAS Álbum 1 pasta 05 - 06, Maria Auxiliadora

ra em suas obras giram ao redor de temáticas rurais e urbanas, relatando sua vivência e sua visão de mundo naquela perspectiva de vida, religiosas e ao final de sua trajetória a representação de sua morte e visão de um pós-vida. As nomenclaturas utilizadas para artistas como Auxiliadora limitam as visões e

funcionalidades de seus trabalhos perante o público não letrado em artes. Maria Auxiliadora foi uma grande colorista, que discutia complexibilidades como a interseccionalidade, sua relação com a morte, ritos e tradições do candomblé e umbanda, capoeira, jongo e outras estéticas negras que construíram não apenas as narrativas de seus trabalhos, mas também constroem a cultura brasileira enquanto potência e referência mundialmente. Auxiliadora também elabora as suas próprias características artísticas que a diferenciam de outros artistas da época, como a utilização de massa de construção Wanda para criar relevos em suas obras, e a inserção do próprio cabelo em suas telas e personagens representadas. Para as estruturas coloniais que ainda se estendem nas concepções e entendimentos da branquitude brasileira, a desobediência é uma rebeldia que destrói o mundo, já essa mesma rebeldia é a construção do nosso mundo através das brechas e rachaduras onde viveram os marginais. O fim do mundo branco é o início do mundo onde toda a desobediência do corpo e a dissidência da existência poderá respirar. A marginalidade é a base dessa construção. Ao entender que até hoje o não branco sobrevive no entendimento colonial e concepção de livre e liberto, sendo paradoxalmente enclausurados a essa ‘liberdade’, como submissos a branquia, sendo ‘dócil’ e ‘útil’ a ela. Enquanto o branco ain-



Imagen MASP: Três Mulheres, 1972, Maria Auxiliadora



Imagem MASP: Sem Título, 1968, Maria Auxiliadora

da vive enquanto detentor do poder e paternidade assim como autoritarismo de dominação senhorial. E são essas as estruturas que devem ser quebradas e questionadas a cada momento. Essa pesquisa é um dos pequenos passos a caminho de uma desobediência. O trabalho de Auxiliadora atravessa diversas discussões e complexibilidades de maneira singela e ainda assim muito clara, que mostram a delicadeza em seu trabalho e constroem a forma a qual a artista manifesta seus pensamentos e vivências. Para desenvolvemos aqui uma análise sobre essas narrativas, trago uma descrição e pensamentos sobre duas obras de Auxiliadora que demonstram parte da sua vivência e vião. Como na obra Velório da Noiva de acervo MASP, feita em 1974, ano a qual

Maria Auxiliadora descobre um câncer maligno e que no mês de agosto, vem a ser a causa de sua morte. A obra apresenta 11 personagens, entre eles uma mulher negra vestida de noiva, deitada em um caixão azul com um grande véu que chega até a margem inferior do quadro, esta é a figura central na tela, sobre seu corpo há várias flores frescas, parecem recém-colhidas, essas flores são feitas com o relevo criado por Auxiliadora a partir da massa vanda e tinta a óleo, com cores fortes que fazem as plantas parecerem vivas na tela. Este caixão, no qual a noiva está sendo velada está sobre uma mesa grande de madeira, na ponta da mesa temos três objetos, dois castiçais e um galho com folhas dentro de um copo de água, próximos à cabeça da falecida. Os outros

personagens são divididos entre: Duas crianças, aos prantos ao lado do caixão, uma segura flores parecidas com as que estão sobre o corpo da noiva, a outra, com os braços esticados em direção a noiva, como se tivesse acabado de colocar as suas flores sobre o corpo dela. Os outros personagens, todos adultos estão divididos nas laterais da obra, três à esquerda e três à direita, os outros dois na parte central superior dela em uma janela, escorados. Todos aos prantos menos uma pessoa, a doméstica que serve café em uma garrafa térmica vermelha escrita "café" junto a uma xícara, também vermelha. Tudo isso é apresentado dentro de uma sala, com uma parede de blocos rosa avermelhados, e um chão quadriculado pela diagonal na cor verde escuro. No lado esquerdo da

tela existe um gaveteiro azul, na mesma cor que o caixão, e sobre ele um retrato da moça ainda vestida de noiva. Nessa obra é inevitável perceber a afirmação artística de Maria Auxiliadora, que retrata em todos os tecidos, roupas, cortinas e até mesmo nas flores a sua conexão com o bordado. O véu branco do vestido – que se estende sobre a tela é traçado linha por linha, quadriculado, com flores brancas bordadas sobre a tela através da pintura, e este mesmo bordado –, também apresenta o relevo feito agora com tinta a óleo. Essa característica é colocada em todos os outros personagens de acordo com as suas especificidades e colorações. Os seios das personagens também possuem esse relevo a partir da massa Wanda, com grandes decotes em seus vestidos, e a mesma coisa acontece com as nádegas dos outros personagens que estão na diagonal ou de costas. Dentro de todas essas representações identificamos que a noiva sendo velada é Maria Auxiliadora, que sempre teve

como sonho viver e experienciar o casamento formal, mas nunca teve um relacionamento. A partir da descoberta do câncer e entender que não teria tempo para viver o amor romântico como desejava, então, Auxiliadora passa a se representar enquanto noiva em seu próprio velório, que era a sua realidade mais próxima. No mesmo quadro vemos que Auxiliadora deitada em seu caixão segura um terço católico, que vem a discutir o sincretismo e a travessamentos do cristianismo dentro das culturas e religiões de matriz africana, já que durante toda sua vida e carreira foi muito próxima ao Candomblé. A obra também nos faz questionar o momento retratado, seria esse um velório comum ou Auxiliadora estava a ser velada logo após a sua cerimônia de casamento e estava morrendo de amor? Das personagens representadas poucas vestem preto ou transparecem um sentimento fúnebre, mesmo com o momento de dor e perda, o quadro transparece certa felicidade através das

cores, que nos deixa o questionamento do que de fato pode ter acontecido com essa noiva. Já na obra Três mulheres, também do acervo MASP, feita em 1972, Auxiliadora ainda utiliza muitos dos aspectos da obra falada anteriormente, como o 'bordado pintado', e relevos feitos a partir da massa Wanda, coloração vibrante e forte. Mas nessa obra temos uma das características que



Imagem MASP: Capoeira, 1970, Maria Auxiliadora

destacaram a artista em meio aos outros, a utilização do próprio cabelo aplicado à tela com uma mistura de tinta a óleo, Auxiliadora relata que pintando uma tela da série Candomblé acidentalmente um fio de cabelo seu cai sobre a tela, na cabeça de um dos personagens, e a partir deste momento começa a acrescentar seu cabelo nas obras. Auxiliadora entendia que nenhuma característica representaria melhor a negritude dos personagens a qual ela pintava do que o cabelo crespo, e então além de pinta-lo na obra, ela aplicava o próprio cabelo na tela. Nesta obra são representadas três mulheres, todas nuas, elas estão em um quarto pequeno, uma janela fechada com o céu azul ao fundo, com uma cortina branca de renda. A parede escura do quarto contrasta com o chão de taco marrom. Um tapete azul com bordados de flores brancas e uma bota vermelha sobre o ele, que fica em frente a uma cama, com um grande bordado branco sobre todo o lençol também azul da cama. Atrás da cama



Foto: Arquivo Pessoal

*Pesquisadore de arte afro-brasileira e diápórica, mediador e artista visual. Formado em Cinema/TV pelo Centro de Audiovisual (CAV) e bacharelado em Artes Visuais pela FMU.

existe um cabideiro com vários vestidos de estilos e cores diferentes. Duas mulheres, brancas, estão na cama. Uma deitada, com o cabelo loiro e olhos azuis, e a outra sentada, de cabelo castanho escuro e olhos verdes, apoiando a cabeça em seu próprio braço, os peitos volumosos feitos com a massa Wanda, e o cabelo aplicado com tinta em cada uma delas. A terceira mulher, negra, e também nua, se encontra quase escondida atrás das cortinas brancas, quase em uma tentativa de se passar despercebida em meio às amigas. Essa é uma das obras que Auxiliadora usa um diálogo direto, feito com três balaões de conversa. A conversa começa com a mulher negra atrás da cortina, chamando as outras para irem ao "forró da Brasilândia", as outras duas amigas respondem, a loira dizendo que não vai, pois tem um encontro às 17h30, e a outra se questiona se sai com o namorado ou com a amiga. Maria Auxiliadora já abordava em suas obras as intersecções que atravessam os relacionamentos amorosos e de amizade das mulheres negras no Brasil, e entendeu o prestígio que as mulheres brancas possuem em uma sociedade racista como a nossa.

Os Orixás

De Alex Mir, quadrinista do ABC paulista

Por Jorge Gonçalves de Oliveira Júnior*



Imagem: Divulgação

A mais recente Produção da série, publicada em 2023, "Orixás - Monstro do Vale"

Já vi esta cena se repetindo mais de uma vez: o cenário é um evento de quadrinhos e cultura geek, as pessoas passam, olhando as capas de livros e HQs de gêneros diversos, tais como terror, ficção científica, versões tupiniquins de super-heróis, fantasias em estilo mangá, humor, biografias, romances, reportagens em quadrinhos etc. De fato, uma gama variada e interessante que vale a pena conferir. De repente, alguém aponta para uma mesa entre

tantas e diz, meio incrédulo, meio maravilhado: "Orixás!?", e com um sorriso de orelha a orelha, ou ar meio desconfiado, esse leitor vem folhear uma das obras de Alex Mir, escritor e roteirista do ABC, nascido em São Bernardo do Campo, que desde 2008 traduz a saga das divindades africanas para a linguagem dos quadrinhos.

O motivo de alguns leitores desconfiarem do teor da obra é o fato de que as duas mais significativas religiões de

matriz africana do Brasil, Umbanda e Candomblé, infelizmente são as mais perseguidas e demonizadas por certo cristianismo fanático de viés fascista. Assim, é compreensível que os devotos das divindades afro-brasileiras fiquem com um pé atrás ao verem uma história em quadrinhos com Xangô ou Iemanjá na capa. Porém, basta folhear a obra e conversar alguns minutos com seu autor para dissipar qualquer desconfiança.

Alex Mir é um homem negro, alto, de fala calma e sorriso fácil. Autor de cerca de 48 histórias em quadrinhos, incluindo colaborações em coletâneas, algumas organizadas por ele mesmo. Desde o início de sua carreira e, contrariando o estereótipo do artista individualista, ele sempre foi um agregador e até mesmo descobridor de talentos. Não apenas porque o ofício de roteirista leva o autor a buscar parcerias com desenhistas e ilustradores, mas também porque, no ambiente invisibilizado e desvalorizado do quadrinho independente, a produção coletiva ajuda a viabilizar projetos.

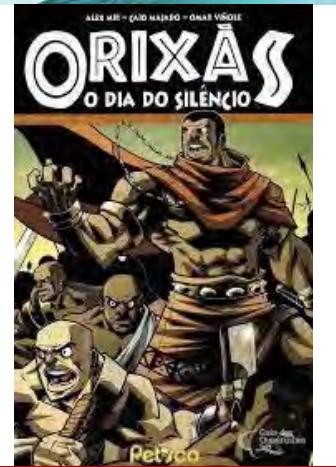
Enfim, trata-se de uma trajetória de dezessete anos dedicados à produção de quadrinhos, e não demoraram a surgir premiações como reconhecimento da qualidade desse trabalho: Alex Mir já acumulou os prêmios HQ MIX, Ângelo Agostini e Le Blanc, os principais do quadrinho nacional e, recentemente, um de seus trabalhos recebeu indicação no Festival de Angoulême, o mais importante da Europa.

Mas voltando à série Orixás, é possível questionar se é adequado tratar de temas sagrados em um suporte tão mundano quanto o dos quadrinhos, se isso não seria alguma forma de desrespeito. Contra esse argumento, basta lembrar que há inúmeras obras em quadrinhos que contam histórias de outras religiões, desde o mangá Buda (1972-83) de Osamu Tezuka, o mestre do quadrinho japonês, ao Gênesis (2009) de Robert Crumb, o maior ícone do quadrinho underground estadunidense. Inclusive, dentro do cristianismo, há muitas versões de histórias bíblicas em quadrinhos e animações, cujo objetivo geral é divulgar essas histórias sagradas para o público infantil e juvenil.

Rafael Calça, autor premiado de quadrinhos e vencedor do Prêmio Jabuti na nova categoria de Histórias em Quadrinhos com a obra Jeremias – Pele, em prefácio a uma das edições da série Orixás, apresenta a seguinte provocação: "Não é estranho conhecermos mais sobre Zeus do que sobre Xangô? Que hierarquia embranquecida nos faz respeitar aquela religião e não outra, não é?". Isso nos leva a pensar o quanto de resistência e postura decolonial há em pesquisar, ler, produzir e reproduzir histórias sobre as riquíssimas mitologias africanas e afro-brasileiras. Aliás esse conhecimento não deveria partir apenas de uma postura militante, pois se trata de um direito estabelecido há mais de vinte anos, pela Lei 10.639, que prevê o ensino de história e cultura indígena e afro-brasileira. Obras como Orixás de Alex Mir, também surgiram dentro do espírito dessa lei e, como veremos, no início houve interesse editorial e apoio governamental para o desenvolvimento da série, mas se fosse depender disso, Orixás não passaria do primeiro número.

Apesar dessa vocação "escolar" inicial, quando lemos a série Orixás, o que encontramos não é aquela linguagem didática, altamente explicativa e professoral, que muitas vezes encontramos em "quadrinhos para usar em sala de aula". Alex Mir, como bom leitor de histórias de super-heróis e aventura (que aliás também estão na sua carteira de trabalhos), utiliza os recursos de linguagem consagrados pela indústria cultural no estilo comics, com cenas de ação, enquadramentos dinâmicos, onomatopeias estridentes, exploração do suspense e splash pages. Como vários desenhistas já colaboraram com a série, não há uma linearidade de estilos como podemos comprovar pelas capas, mas é interessante notar que alguns possuem estilos mais próximos ao padrão comics, enquanto outros são mais autorais. Isso reflete na configuração da paisagem e dos tipos humanos representados e isso merecia um estudo à parte, pois apesar de encontrarmos muita pesquisa no uso das cores, objetos e temperamento dos orixás, também há o preenchimento de detalhes com o uso da imaginação de cada desenhista.

Inevitavelmente podemos pensar na africaniade diaspórica, que produz



Imagens: Divulgação Instagram

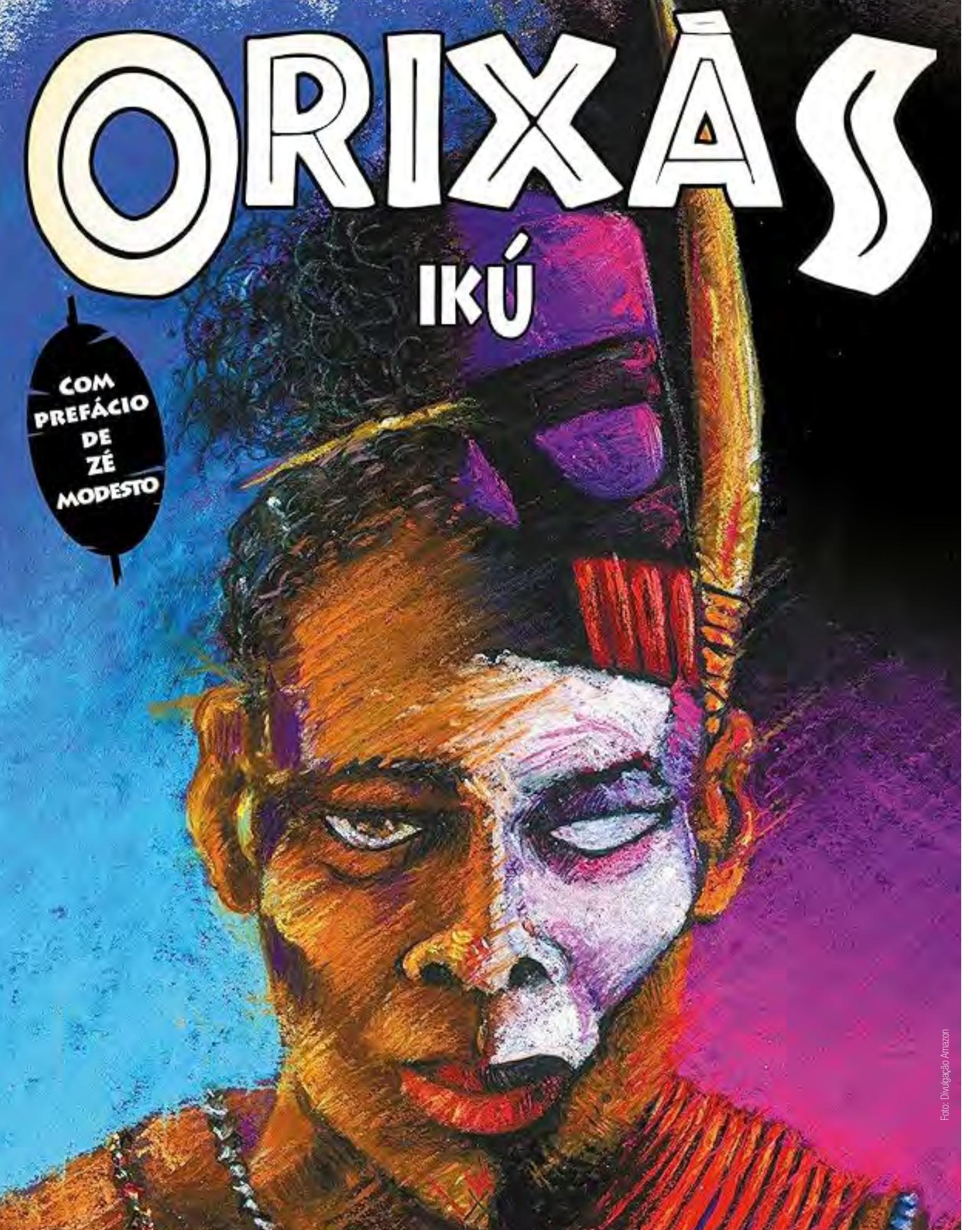


Foto: Divulgação Amazon

uma África da alma, por meio de fragmentos de sonhos e ideações, e neste caso, ilustrada com as cores fortes dos quadrinhos.

A primeira HQ da série foi publicada em 2011, e trata da narrativa de criação do mundo, com a separação entre a terra dos homens e a dimensão espiritual das divindades. A obra foi contemplada em 2010 com o edital do ProAC (Programa de Ação Cultural do Governo de São Paulo) e também foi adotada pelo PNBE (Programa Nacional da Biblioteca na Escola), em 2012. O livro foi editado pela Marco Zero, do grupo Nobel e os desenhos foram feitos pelo artista Caio Majado, com as cores e arte-final de Omar Viñole.

Impulsionado pelo sucesso da obra de estreia, em 2015 é publicado o segundo volume *Orixás – O Dia do Silêncio*, com a mesma equipe de criação, mas de forma independente, sem editora, como viria a ser a regra geral da série. A obra faz uma compilação de três HQs que haviam saído em outras revistas, contendo histórias de Ogum, Iemanjá e Oxalá.

Em 2017, sai *Orixás – Em Guerra*, obra vencedora do Prêmio HQ Mix de melhor publicação independente de grupo. Novos membros entram na equipe de criação desse projeto, com os ilustradores Al Stefano e Alex Genaro, porém as cores continuam com Omar Viñole e Caio Majado se manteve na ilustração da capa. São duas histórias, uma protagonizada por Xangô e outra por Ikú. A equipe de artistas desse álbum é formada por Laudo Ferreira, Marcel Bartholo e o estreante na franquia Bruno Brunelli. Este último também possui algumas obras em quadrinhos retratando o universo dos Orixás, porém dentro da cosmovisão da Umbanda: Pontos Ilustrados, Zé-Pelintra e Veludo dos Nove Infernos.

Em 2018, *Orixás – Renascimento* é publicado e, assim como o álbum anterior, viabilizado por meio de crowdfunding. Nas ilustrações, os artistas Laudo Ferreira Jr e Germana Viana, ainda com as cores de Omar Viñole, desenvolvem também duas narrativas, dessa vez protagonizadas por Orô e Olodumarê.

Orixás – Ikú vem a público em 2019. Aqui há uma mudança interessante, pois em vez de duas ou três narrativas curtas como nas obras anteriores, trata-se de uma história mais robusta e

uma única trama: o orixá da morte, Ikú, enfrenta diversas outras divindades, como Exu, Orunmilá, Iansã e os Ibejis, na sua intenção de eliminar deuses e homens. Uma equipe grande também tomou parte dessa empreitada, com arte de Alex Rodrigues, Caio Majado, Jefferson Costa, Marcel Bartholo, Will, Al Stefano e Omar Viñole. Tal esforço coletivo valeu a pena, pois *Orixás – Ikú* foi indicada na categoria História em Quadrinhos Independente do Festival International de La Bande Dessinée d'Angoulême, na França.

O ano de 2020 é de lançamento de *Orixás – Os Nove Eguns*, com uma história de Xangô e Iansã em uma trama que envolve mistérios e conquistas bélicas. Alex Rodrigues, Omar Viñole, Al Stefano e Laudo Ferreira, mais uma vez formam a equipe de ilustradores. O livro também recebeu fomento do ProAC e foi indicado ao troféu HQ Mix na categoria Produção Independente Seriada.

A mais recente produção da série, publicada em 2023, é *Orixás – O Monstro do Vale*, que também recebeu aporte via

ProAC e crowdfunding, e novamente traz duas narrativas, uma protagonizada por Xangô e outra por Ikú. A equipe de artistas desse álbum é formada por Laudo Ferreira, Marcel Bartholo e o estreante na franquia Bruno Brunelli. Este último também possui algumas obras em quadrinhos retratando o universo dos Orixás, porém dentro da cosmovisão da Umbanda: Pontos Ilustrados, Zé-Pelintra e Veludo dos Nove Infernos.

Assim Alex Mir e sua série *Orixás* é um caso interessante de sobrevivência de um artista independente que, mesmo acumulando prêmios e vencendo editais apenas recentemente encontrou uma casa editorial para chamar de sua: alguns dos álbuns da série estão sendo reeditados pela editora Peirópolis, de São Paulo. É um alento, pois em um país onde o senso comum ainda demoniza as divindades africanas, é essencial e urgente espalhar produtos como esse



Foto: Divulgação Instagram

nas estantes das livrarias, bibliotecas e bancas de jornal. Enquanto isso, Alex Mir continuará levando seus livros aos eventos de quadrinhos, vencendo prêmios e editais, e apresentando as narrativas maravilhosas das divindades africanas para leitores de todas as idades e credos. Que os Orixás continuem abençoeando esse projeto.



Foto: Arquivo Pessoal

*Professor de tempo integral nos cursos de comunicação da FMU e FIAM FAAM Centro Universitário. Mestre em Antropologia Social pela FFLCH-USP/SP. Possui bacharelado e licenciatura em Ciências Sociais (2013) e Letras (2005) também pela Universidade de São Paulo. Pós-graduação em roteiro de Ficção pelo Senac.

Saúde Mental

Do Trabalhador Precarizado

Por Euclides Santos*



Foto: Site CNN Brasil

Saúde mental, assunto envolto a inúmeros preconceitos, pode ser algo protelado pela necessidade de manter-se trabalhando sem folga, férias ou garantias? Como reconhecer a necessidade e cuidar-se da mente num mercado de trabalho precarizado?

Neste espaço, buscarei analisar a saúde mental, em um cenário onde o trabalhador precarizado se vê envolto, tanto nos preconceitos ainda existentes, como na sua necessidade de trabalhar de forma ininterrupta. A tese é de que há uma necessidade premente de haver um tipo de clínica adequada às demandas específicas desses trabalhadores, compreendendo suas especificidades por um lado, lutando pela consciência da saúde da mente por outro.

Além disso, faz-se necessário refletir sobre a intersecção entre problemas mentais individuais e questões de ordem social, mais especificamente da esfera do trabalho e renda e seus efeitos em escala exponencial para a fragilização do sujeito. Infelizmente, em uma sociedade baseada no desempenho individual e competitividade, doença mental significa perda de produtividade laboral, que por sua vez acarreta perda de renda, impactando, de forma cílica, a capacidade do autocuidado.

Quem é o sujeito que trabalha e sofre?

Recentemente vemos uma continua fragilização dos direitos e garantias ao trabalhador. Mais especificamente, desde 2017, quando foram aprovadas flexi-

bilizações nas CLT, a segurança de renda e previdência deram espaço a uma condição de permanente busca por trabalho. Hora há, hora não há demanda para o cidadão que, antes chamado de proletário, agora é denominado "Pecarizado". Basta ver a vida de quem trabalha por aplicativos: rotinas extensas, renda por produtividade, condições de trabalho questionáveis e segurança da renda e previdência inexistente.

O termo é autoexplicativo e refere-se as condições de trabalho do indivíduo que não possui uma formalização dentro das leis tradicionais, mas compõe uma força de trabalho disponível. Um exército de reserva que aguarda por ser chamado e, se for chamado, deve atender a demanda a qualquer custo,

mesmo que precarizando suas condições de vida.

Diante dessa circunstância, as condições para colocar em prioridade a saúde mental são reduzidas. É compreensível, já que cuidar da mente requer tempo e recursos, sejam eles para custear um plano de saúde, ou para pagar um tratamento particular. Lembrando que não colocamos ainda os efeitos colaterais de um tratamento medicamentoso e seus efeitos limitantes.

Dados apurados pelo Correio Brasiliense (Cardin,

tanto da segurança na reprodução de sua própria existência.

Os dados referem-se ao período pré-pandemia, logo após a flexibilização da CLT. Levando em consideração a crise econômica vivida durante a pandemia e os novos hábitos e consumo, muito atrelados a trabalhadores precarizados, principalmente no setor de entregas, podemos imaginar que o contingente de trabalhadores em estado de sofrimento tem crescido na medida da profundidade do próprio sofrimento.

brou dentro dessa conquista, criando um estilo de vida minimamente equilibrado e até hoje almejado, construindo um imaginário específico de cotidiano ideal. Essa idealização, que para muitos nunca chegou, hoje se torna quase uma fantasia que potencialmente se transforma em frustração.

Vender as horas conquistadas de lazer e até do descanso para garantir o mínimo da sobrevivência se torna comum. Entregar mais do que o que foi contratado torna-se protocolo de sobrevivência em um mercado de trabalho



Foto: Nubelson Fernandes/ UOL

2020) apontam que entre 2012 e 2019 o trabalho no setor de transporte por aplicativo cresceu 136% enquanto, segundo o IBGE até 2020 o desemprego circulou cerca de 11% a 13% da PEA, algo em torno de 13 milhões de trabalhadores. Se considerarmos o trabalho informal, ao final de 2019 o IBGE contava um número estimado de R\$ 41% dos trabalhadores ativos, cerca de 38 milhões de sujeitos alijados da segurança dos direitos trabalhistas, por-

Partindo do pressuposto de que trabalhamos para atender nossas necessidades, como fica a mente de quem não consegue recursos suficientes para atender as necessidades básicas dentro de uma jornada equilibrada entre trabalho, descanso e lazer?

Essa foi uma reivindicação conquistada pelos trabalhadores do início do século XX, visando a qualidade de vida da classe. Podemos dizer que por certo período, parte da sociedade se equili-

coalhado de desempregados. Bancos de horas acumulam trabalho adicional sem remuneração, horas que poderiam ter sido usufruídas em atividades culturais, lazer e mesmo o descanso.

Ao analisar a ideia de mercado de trabalho, deduz-se que o sujeito se torna mercadoria à disposição em uma dinâmica laboral pós-fordista, baseado no "just-in-time". A desregulamentação das relações trabalhistas vem a calhar a esse mercado, usufruindo da força

de trabalho apenas quando há demanda. Fica a insegurança e o risco na mão do trabalhador.

Por outro lado, é comum que circulem discursos que enquadrem o profissional precarizado como empreendedor. Afinal, ele não possui uma hierarquia nem horários a cumprir. É comum que se pense na liberdade de horários ou mesmo na possibilidade de outras atuações profissionais e/ou pessoais em paralelo. Mas é de se imaginar também que qualquer mudança na rotina de trabalho impacte na renda, o que mitiga o potencial desse empreendedor em crescer ou mesmo investir em si.

Paragrafo a parágrafo acumulamos reflexões sobre as condições do trabalhador contemporâneo e é de se esperar que uma parcela desses trabalhadores desenvolva algum tipo de transtorno. Lembremos que a vida não se faz apenas de seu aspecto laboral, portanto, devemos ainda considerar que outras esferas da existência possam também sofrer de carestias que se acumulam as debatidas nesse texto.

Se até o momento nos desdobramos para identificar e ilustrar um cenário médio do trabalhador precarizado, podemos agora enumerar e analisar iniciativas que surgem no campo da saúde mental e que se tornam alternativas para esses trabalhadores.

Antes de iniciar uma análise sobre uma clínica ideal, observemos o imaginário comum relativo a saúde mental, povoado de fantasmas que prestam um desfavor a cuidado com a saúde mental e emocional.

Há um estereótipo circulante que enquadra da saúde mental em dois espaços no imaginário: por um lado, pode ser vista como algo atrelado ao arquétipo do louco, aquele que é alienado da realidade e da capacidade produtiva comum à sociedade, portanto, merecedor da exclusão do convívio em um tenebroso manicômio.

Por outro lado, saúde mental também pode ser vista como algo ligado as demandas de quem possui recursos



Foto: Andea Piacquadio/Pexels

e tempo para cuidar das filigranas da alma. Um cuidado que vem enquanto se está deitado confortavelmente em um divã, envolto em devaneios diante de um profissional que cuida de analisar filosófica e terapeuticamente o que lhe é dito. Em suma, algo caro e restrito as classes mais altas.

Por muito tempo, a humanidade lidava com doenças com algum tipo e fator de contágio através da exclusão. Os asilos, leprosários e manicômios são exemplos dessas práticas excludentes que tiravam do indivíduo sua capacidade social, produtiva, afetiva e cidadã. Não raro, indivíduos questionadores, iconoclastas e militantes eram enquadrados como “doentes” e forçosamente afastado do convívio social, onde talvez pudesse “contagiar” os demais.

Hospício Colônia de Barbacena, Manicômio do Cariri, Manicômio do Juqueri entre outros foram e ainda são espaços de exclusão de pessoas que recebem o devido tratamento de uma sociedade doente. Ultimamente, comunidades terapêuticas assumem as velhas funções dos asilos psiquiátricos aos que sofrem com vícios diversos.

A imagem do divã, do terno, do charuto e dos assuntos eruditos são símbolos de uma classe abastada, de uma saúde reservada a poucos. Dentro de um quadro de desigualdade atroz que vivemos em nosso país, a própria imagem da clínica asséptica e ilustrada de um terapeuta se torna algo opulento demais para a maioria das pessoas, um espaço restritivo que, por mais acessível que o profissional seja, pode mesmo assim soar estranho, estrangeiro àquele que vive nas bases econômicas da sociedade, um panóptico onde as confissões podem ser ameaçadoras.

De um lado, o temor da exclusão, de ser julgado, banido. De outro, a frustração de não possuir os recursos suficientes para bancar o autocuidado. A história nos legou o medo da loucura e o preconceito diante dela. Por outro, exclui estética e economicamente o trabalhador que se aventura corajosamente a pedir ajuda.

Falar em uma clínica ideal para o trabalhador é refletir sobre o uso de sua linguagem, seus signos e seu repertório. Uma clínica majoritariamente freiriana, que parte da compreensão das mais caras imagens e palavras geradoras do

paciente durante o manejo clínico. É, portanto, uma clínica do oprimido. A clínica mais adequada é aquela que sai e seu local e vai até o paciente, não apenas no sentido espacial, mas também na compreensão genuína, empática e real de sua condição, não o tratando como necessitado, mas sim como indivíduo digno de cuidado, meritoso de sua luta, grande pela coragem de assumir suas fragilidades, mas antes de tudo, vítima de uma sociedade excludente e violenta que, em análise resumida, é doente, como refletiu Frantz Fanon, psiquiatra e revolucionário da Martinica em seus textos.

Há boas novas no horizonte?

Convenhamos, o texto até aqui tem sido crítico e pessimista. Mas façamos um esforço para encontrar iniciativas positivas e saídas para os companheiros trabalhadores e suas demandas em saúde mental.

Desde meados do século XX o mundo vive uma perspectiva antimanicomial que busca repensar a relação no indivíduo neuro divergente ou acometido de algum tipo de sofrimento mental e sua integração social adequada.

E essa ressignificação perpassa também o questionamento da existência de instituições que privam a liberdade do indivíduo, principalmente, quando são usadas como espaços de exclusão social e/ou punitivo, sob pretexto de trazer cuidado com aquele que não se enquadra nos padrões sociais impostos.

Iniciativas de clínica social vêm sendo cada vez mais comuns, principalmente após a pandemia, tanto por parte de psicólogos, psicanalistas, psiquiatras e terapeutas de toda ordem, tornando-a financeiramente viável para camadas da população que possuem uma renda comprometida com sua sobrevivência.

Falar sobre saúde mental passa a ser cada vez mais comum no debate público, favorecendo a conscientização de que o silêncio é um fator agravante das condições psíquicas.

Cada vez mais se questionam condições laborais abusivas, favorecendo a organização daqueles que estão a elas submetidos. São novas lutas sociais que emergem de novas demandas, em uma nova condição. Como dito anteriormente, não basta curar o indivíduo quando ele acaba por retornar em uma sociedade doente. Há de se transformar a sociedade para que o trabalhador usufrua da plenitude de seu corpo e sua mente.

Não podemos esquecer das clínicas do CAPS, serviço público especializado em saúde mental, que apesar de toda dificuldade, mantém a regularidade de suas funções. Também as clínicas universitárias também são alternativas de mão dupla: estendem seu corpo docente e discente para os serviços à comunidade, enquanto esses mesmos alunos se preparam para clinicar em uma sociedade carente por um profissional adequado as suas condições.

Por fim, lembremos da luta de Franco Basaglia, que comemoraria seu centenário este ano. Basaglia foi um psiquiatra italiano, um dos pioneiros na luta antimanicomial, sendo conhecido mundialmente pela Reforma Psiquiátrica Italiana. Sua atuação libertadora deixa um legado inspirador e métodos que fomentam debates sobre a relação das sociedades com quem sofre de doenças mentais, possui transtornos de qualquer ordem ou alguma condição neuro divergente.

Essa é uma discussão ampla e que este texto não pretende abranger de forma totalizante, tão pouco encerrar. Apenas busca elencar fatores perceptíveis de uma clínica possível ao trabalhador e aquecer o debate sobre saúde mental universal.

A mente humana, como objeto de estudos ainda é uma fronteira a se desbravar. Enquanto não alcançamos a totalidade de sua compreensão, que possamos desenvolver nossa clínica de forma ampla, acolhedora e libertadora, enquanto lutamos por uma sociedade curada de suas afecções sociais.

Abaixo seguem alguns canais acessíveis para cuidados com a saúde mental para quem precisa:

1. <https://portal.fmu.br/servico/psicologia>
2. <https://sedes.org.br/site/clinica-psicologica/atendimento/>
3. <https://www.clinicasocial.org>
4. <https://www.instagram.com/sameca.psi/>
5. <https://psisocial.com>

Dicas de Leitura:

CARDIN, Maria. *Número de monitoristas por aplicativo cresceu 136% de 2012 a 2019.* Correio Braziliense. 23 abr. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3PAMAI1>. Acesso em: 23 maio 2020.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra.* Editora Schwarz-Companhia das Letras, 2022.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da liberdade em Paulo Freire.* Editora Paz e Terra, 2018.

SERAPIONI, Mauro. *Franco Basaglia: biografia de um revolucionário.* História, Ciências, Saúde-Manguinhos, v. 26, p. 1169-1187, 2019.



Foto: Arquivo Pessoal

*Professor, Psicanalista, Mestre em Comunicação e Cultura, Licenciado em Artes Visuais e Docente dos cursos de Artes, Comunicação, Design e Música da FMU FIAMFAAM.

História Negra com Valor

São Paulo contará com 15 monumentos que homenageiam personalidades negras

Por Beatriz Losito*

Em 2023, a Prefeitura de São Paulo divulgou que mais cinco personalidades públicas negras foram escolhidas para serem homenageadas com novas estátuas pela cidade. A escolha dos nomes da segunda fase do projeto foi feita pela população por meio de uma consulta pública online. Os próximos escolhidos para serem homenageados são:

- Mãe Sylvia de Oxalá, iorixá candomblecista (termo de origem africado para mãe de santo, aquela de rege um terreiro);**
- Elza Soares, cantora;**
- Chaguinhas, cabo condenado à morte que inspirou o nome de Liberdade ao bairro do centro paulistano;**
- Lélia González, filósofa e escritora;**
- Milton Santos, geógrafo.**

A falta de diversidade racial está exposta nas ruas e praças, com monumentos que são em sua maioria personalidades brancas e masculinas. Estima-se que a cidade possui 390 obras e os espaços públicos contavam com 10 estátuas relacionadas a pessoas negras.

Com um projeto anunciado pela Prefeitura de S. Paulo em 2020, cinco foram inauguradas em 2021 e 2022. É importante acrescentar que os mo-



Estátua de Itamar Assunção

Fotos: Site PMSP

numentos foram concebidos por cinco escultores negros contratados.

A primeira escultura a ser inaugurada, em dezembro de 2021, foi um tributo a Itamar Assumpção, no Centro Cultural da Penha. No ano seguinte foram as esculturas do sambista Geraldo Filme, meses depois foi a vez da também sambista Madrinha Eunice. A ultima homenageada foi a poetisa Carolina Maria de Jesus.

Conheça um pouco das histórias das estátuas:

Itamar Assunção (2021)

O cantor, instrumentista e compositor Itamar Assumpção, ícone da música vanguardista paulistana das

décadas de 80 e 90, falecido em 12 de junho de 2003. Foi o primeiro homenageado com uma estátua em frente ao Centro Cultural Penha, no Largo do Rosário, Zona Leste da capital. O monumento de bronze, de 1,80 de altura, criado pelo artista plástico Leandro Junior.

Geraldo Filme (2022)

A escultura de Geraldo Filme está na Praça David Raw, ao lado do Memorial da América Latina, Barra Funda. Conhecido como Geraldão da Barra Funda, cresceu em meio às rodas de samba e tiririca que ocorriam no antigo Largo da Banana, hoje é o Viaduto do Pacaembu, na Barra Funda. Autor de inúmeros sambas-enredo, teve destaque em escolas de samba paulistano.



Estátua de Geraldo Filme

Fotos: Site PMSP

como Unidos do Peruche e Vai-Vai. É considerado referência do samba e do carnaval de São Paulo. A obra foi desenvolvida pelo escultor Newton Santanna.

Madrinha Eunice (2022)

Com seu turbante, colares, pulseiras e sua saia rodada dançando, Madrinha Eunice é representada desta maneira na escultura na obra da escultora Lídia Lisboa que esta localizada na Praça da Liberdade, próxima ao Centro Universitário FMU | FIAM FAAM.

Deolinda Madre, ou como é conhecida, Madrinha Eunice, leva este nome por ter realizado batismo de dezenas de crianças. Ela foi uma sambista e ativista do movimento negro que passou a ter uma obra em sua homenagem em abril de 2022.

Fundadora da Sociedade Recreativa Beneficente Esportiva da Escola de Samba Lavapés Pirata Negro, a mais antiga da capital paulista ainda em atividade e um símbolo do carnaval paulista. Ela é a matriarca das escolas de samba e da história do samba paulistano.



Estátua de Madrinha Eunice

Foto: Beatriz Losito



Estátua de Adhemar Ferreira da Silva



Estátua de Carolina Maria de Jesus

Foto: PMSP

Adhemar Ferreira da Silva (2022)

A escultura de Adhemar Ferreira da Silva está localizada no centro central da Avenida Braz Leme. Adhemar Ferreira foi o primeiro atleta bicampeão olímpico do Brasil e primeiro atleta sul-americano bicampeão olímpico em eventos individuais. A escultura é uma criação do escultor Alex Hornest, que retrata o atleta com os dois braços para cima, em uma releitura de uma das suas posições de salto.



Estátua de Carolina Maria de Jesus

Foto: PMSP

Carolina Maria de Jesus (2022)

Olhando para o céu como quem busca inspiração para a escrita, Carolina está sentada na praça com um cader-

* Fotografias da estudante de jornalismo Beatriz Losito, estagiária da AICOM.

** Supervisão do professor Gean Gonçalves, do curso de Jornalismo.

Não dê flores, dê voz!

Em encontros pelo Dia Internacional das Mulheres, o 8M Mulheres Líderes contou com a presença de mulheres gigantes, e que inspiram

Por Julia Gandra e Stepan Shevtsov Sena*

No mês do Dia Internacional da Mulher, celebrado em 8 de março, o Núcleo de Estudos Étnico-Raciais (NERA), o Núcleo de Estudos de Gênero e Sexualidade (NUGE) e o Núcleo de Estudos do Meio Ambiente (NEMA) promoveram encontros com mulheres que estão em cargos de liderança para reflexões sobre igualdade de gênero e a contribuição dos movimentos sociais na construção de mulheres que se tornam líderes.

Intitulado como “8M MULHERES LÍDERES”, os encontros foram essenciais para a conscientização sobre os desafios específicos que as mulheres enfrentam em suas jornadas profissionais.

O primeiro encontro se deu no dia 08 de março de 2024, às 10h30, com a convidada Simone Pankararu, da aldeia multiétnica “Filhos da Terra”, Guarulhos – SP. A indígena trouxe uma reflexão sobre preservação do meio ambiente, mas ressaltou como as mulheres dos povos indígenas são fundamentais no



Foto: Arquivo Pessoal

debate sobre resistência e permanência dos povos originários. É importante lembrar que o Brasil, em 2023, passou a contar, pela primeira vez, com um Ministério dos Povos Indígenas, presidido pela ativista Sônia Guajajara. Trata-se de uma liderança com reconhecimento internacional na defesa dos direitos dos povos indígenas, seus territórios e causas socioambientais. Porém, essa

liderança feminina se repete em várias organizações indígenas. Já no dia 11 de março de 2024, no período da manhã, o professor Manuel Fabricio Alves de Andrade, do NUGE, e a professora Elisangela Ronconi Rodrigues, do NEMA, receberam a estudante de engenheira ambiental Manuella Mirella da FMU, eleita presidente da UNE. Ela possui 27 anos e



já cursou a licenciatura em Química na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Foi nessa formação que a estudante se pelos biocombustíveis e as energias renováveis.

Na live, como liderança estudantil, Manuela reforçou a trajetória das mulheres brasileiras no acesso à educação e à cidadania.

“As mulheres precisam ocupar os espaços de poder, pois na história do nosso país só conseguiram acesso ao ensino fundamental, em 1827. Antes disso, as mulheres eram educadas para realizarem tarefas domésticas, a respeitar o marido, entre outros. Em 1879, elas puderam ter a oportunidade do ensino superior, e a matrícula só podia ser feita pelo marido. Em 1932, elas puderam ter a oportunidade de votar. Na estrutura do país, há o patriarcado, o machismo corriqueiro entranhado na estrutura da sociedade”.

Para Manuella, ainda falta oportunidade para as mulheres que são excluídas deste espaço, da ciência e da tecnologia, por exemplo, aquelas que enfrentam jornadas duplas, triplas, e necessitam de creche para seus filhos, o que impede o crescimento pessoal, profissional e como cidadã. “É necessário rodar o Brasil, pelas universidades, tanto pública quanto privadas para produzir conhecimento sobre esse debate”, comenta.

“Existem mentes brilhantes, e é preciso oferecer oportunidade para nossos cérebros brasileiros. Para assim apresentar saídas aos problemas que tanto nos cercam, incluindo as mulheres que necessitam de mais voz. Você não precisa ter o diploma de engenheira, mas você pode e deve como cidadã, mulher, que tem CPF e certidão de nascimento, fazer uma diferença nesse país”.

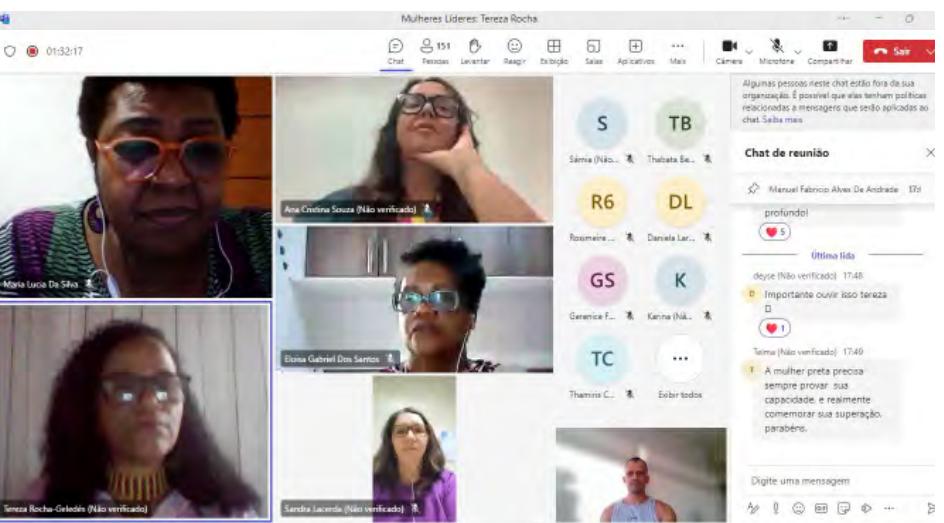


Foto: Arquivo Pessoal

Ainda no dia 11 de março, já às 17h, as professoras Maria Lúcia e Eloisa dos Santos, do NERA, e o professor Manuel Fabrício, do NUGE, receberam a representante do Instituto da Mulher Negra e Promotora Legal Popular Tereza Rocha.

Na conversa online, com cerca de 100 alunos de diferentes cursos, Tereza Rocha contou sua trajetória como ativista em movimentos sociais e como o ativismo moldou e modificou não só a sua vida, mas também a de muitas outras mulheres.

“Eu abracei a luta e entrei no movimento, porque antigamente, quando eu estava no ônibus e via alguma manifestação eu ficava muito brava, atrapalhava eu ir trabalhar. Depois, quando eu me vejo, eu estou no meio desse povo, nas manifestações de rua”.

Tereza conta que foi ao abraçar os movimentos sociais populares que conseguiu entender como as violências atraíram a sua vida. Foi assim possível tomar ciência de como as causas sociais são importantes para transformar uma sociedade.

Além do suporte jurídico, Tereza enfatiza a importância de construir uma rede de apoio para as mulheres. “Nem todas as mulheres estão preparadas para pedir socorro”, afirma Tereza quan-

do o assunto é a violência de gênero. Por isso, antes de tomar qualquer ação, é essencial criar um ambiente seguro e confiável para elas, por meio de conversas, momentos de lazer e criação de vínculos.

Em um outro encontro, dessa vez no dia 13 de março, com a professora Maria Lúcia e o professor Manuel Fabrício, os alunos participaram de um debate reflexivo sobre o documentário Como Ela Faz (2021), que a companha um dia na vida de mulheres para mostrar o significado da palavra trabalho na vida delas. São histórias de desigualdade de gênero e superação.

Na roda de conversa, os professores e os alunos debateram sobre as diferentes formas de trabalho das mulheres, a equidade de direitos no trabalho e a importância do feminismo. Como o feminismo, em suas distintas vertentes, é vital para construir uma sociedade mais equitativa. Todos compreenderam que debater sobre os tipos de violência auxilia a identificar e combater todas as formas de machismo.

*Estudantes do curso de Jornalismo e estagiários da AICOM.

** Supervisão do professor Gean Gonçalves, do curso de Jornalismo.

Caminhar e se Reconhecer

NERA e NUGE promovem exercício que torna mais palpável a interseccionalidade e as desigualdades entre as pessoas

Por Gean Gonçalves*



Você pode viajar por conta própria pelo mundo sem sofrer restrições legais, e sem sentir medo de assédio ou violência sexual? Dê um passo à frente. A sua orientação sexual é utilizada como xingamento? Dê um passo atrás. Os seguranças de estabelecimentos comerciais lhe seguem? Dê um passo atrás.

Essas e outras perguntas estimularam uma atividade realizada conjuntamente pelo Núcleo de Estudos Étnico-Raciais e o Núcleo de Estudos de Gênero e Sexualidade em março de 2024, como trote solidário e recepção aos novos estudantes da FMU e da FIAM-FAAM. Trata-se da Caminhada do Privilégio.

É uma dinâmica que tem como objetivo dar maior visibilidade a distribuição desigual de privilégios na sociedade. Também é considerado um jogo onde os participantes são posicionados lado a lado e cada um deve dar um passo para frente ou para trás, de acordo com as afirmações referentes a vantagens ou desvantagens sociais.

A atividade foi mediada pelo professor Manuel Fabricio Alves de Andrade, do NUGE, e por mim – professor Gean Gonçalves, do NERA. Contou com a participação de cerca de 15 estudantes de diferentes cursos de graduação em uma tarde, do dia 27 de março, na

praça de alimentação do Complexo Taguá, no campus Liberdade. No fim da dinâmica, apesar de partirmos do mesmo ponto, foi possível ter uma imagem concreta das distâncias sociais que nos separam.

Especialistas da Educação avaliam que a dinâmica é uma excelente ferramenta para o debate da diversidade e inclusão. Não é incomum encontrar online relatos de experiência de emoção com essa atividade, foi aliás o que experimentamos também com os estudantes da FMU/FIAM. É válido saber que o Portal Geledés, de jornalismo antirracista, define o privilégio como “uma faceta do nosso dia a dia

que nos parece naturalizada e normativa, sobre a qual nunca pensamos porque sempre contamos com ela”.

O debate sobre a dimensão social sobre nossas vidas emancipa angústias e confrontos que todos carregamos. Em uma conversa de acolhimento, na etapa final da dinâmica, os estudantes compartilharam vivências e articularam seus marcadores sociais da diferença (raça, gênero, sexualidade, classe social e etc.) com a experiência do outro. Também fizemos o mesmo – o professor Manuel e eu – o que colocou professores e estudantes na mesma dimensão. Foi um encontro de alteridade e de debate sobre interseccionalidade, do qual percebemos que partimos de lugares sociais distintos, temos determinadas oportunidades e acessos diferentes. Que a caminhada de cada um, merece a solidariedade e empatia do outro.



Fotos: Manuel Fabricio



Foto: Arquivo Pessoal

*Professor de Jornalismo do FIAM FAAM Centro Universitário. Jornalista profissional. Doutor e mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). É integrante do NERA e da Dumela.

MEDIDA PROVISÓRIA N° 1.140
27 DE OUTUBRO DE 2022

CHEGA DE
ASSÉDIO SEXUAL!

FMU
CENTRO UNIVERSITÁRIO

FIAM FAAM
CENTRO UNIVERSITÁRIO

Conhecimento em Ação Para o Bem Social

Atividades de extensão transformam aprendizagem dos estudantes em prática em prol da sociedade

Por Invi Silva*

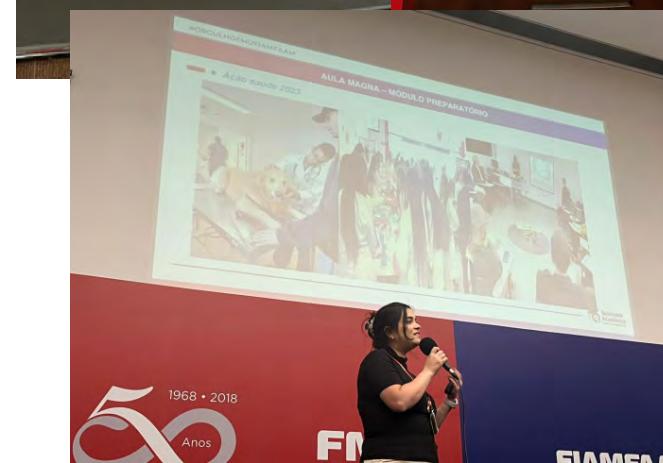
A extensão universitária desempenha um papel fundamental no ensino superior, promovendo a integração entre a universidade e a sociedade. São iniciativas que permitem a aplicação do conhecimento acadêmico em benefício da comunidade, funcionando como uma via de mão dupla: a sociedade se beneficia das pesquisas e do conhecimento acadêmico, enquanto os estudantes e professores têm a oportunidade de aplicar na prática a teoria. A professora Denise Cristina Costenaro Marchesoni, coordenadora de Qualidade Acadêmica da Diretoria de Regulação e Qualidade Acadêmica, explica que a extensão universitária é uma oportunidade para os estudantes aplicarem, além dos muros da universidade, o conhecimento adquirido.

“No trabalho de extensão, os alunos podem transformar esse conhecimento em benefícios para a sociedade ao redor da faculdade. Para os estudantes, além de desenvolver habilidades e competências técnicas, a extensão proporciona o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, como liderança e solidariedade”. Além disso, na avaliação da professora, oferece a oportunidade de contribuir com a pesquisa científica por meio de artigos, investigações científicas e resolução de casos.

As atividades extensionistas são programas, projetos e ações promovidas pelas instituições de ensino superior que visam articular o ensino e a pesquisa com as demandas sociais. Essas



Fotos: Arquivo Pessoal



atividades incluem cursos, oficinas, palestras, serviços comunitários, eventos culturais e parcerias com organizações públicas e privadas e devem estar alinhadas aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Agenda ONU 2030, garantindo que todo trabalho de extensão esteja em conformidade com os ODS.

Na FMU e na FIAM FAAM, existem duas frentes para que os alunos possam participar dessas atividades. Anualmente, é lançado um edital de extensão relacionado ao trabalho voluntário extensionista, contemplando o corpo docente e discente, com possibilidade de inscrição em diferentes



Fotos: Arquivo Pessoal

Professora Rogéria Ventura é uma voz da extensão e responsabilidade socioambiental na FMU



A professora Denise Marchesoni é uma das lideranças de extensão e responsabilidade social da FMU

projetos, com equivalência para horas complementares. A segunda frente é a curricularização da extensão, processo de inclusão de atividades de extensão no currículo dos Cursos que passou a ser exigido pelo Ministério da Educação. Com ela, são oferecidas disciplinas extensionistas dentro da matriz curricular de todos os cursos, o que permite ao estudante participar ao longo do curso de ações direcionadas à sua área de conhecimento, o que agrega essas experiências à formação profissional, mas seguindo todas as regras de uma disciplina básica, com avaliações e entregas de projetos.

A professora Rogéria Maria Ventura, líder de Extensão e Responsabilidade Socioambiental da Diretoria de Regulação e Qualidade Acadêmica da FMU | FIAM-FAAM, compartilha que existem diversos projetos de extensão na FMU, que funcionam como um braço que se estende para fora da universidade e alcança comunidades vulneráveis. Esses projetos incluem consultas na área da saúde e bem-estar, orientações jurídicas, orientações na área de administração e negócios, e orientações contábeis fiscais. Segundo a professora, a extensão universitária também permite que esses grupos adentrem na universidade e façam uso fruto do espaço e dos serviços já prestados.

Uma das ações recorrentes do projeto de extensão da FMU é trazer mulheres em situação de rua para um dia de tratamento estético e de bem-estar,

oferecendo orientação de higiene e saúde. Esse programa promove o autoconhecimento e a autoestima dessas mulheres, que muitas vezes trazem seus filhos que também recebem cuidados na universidade.

Um destaque importante para os projetos de Extensão Universitária é o trabalho das atléticas, dos núcleos de estudo NERA, NUGE, NERD e NEMA, e também a organização do "Trote Solidário", que, além de ser uma ação de extensão social, visa coibir a violência e fomentar a solidariedade com recebimento de doações.

A FMU | FIAM FAAM também estabelece parcerias com ONGs e hospitais, como o Instituto da Criança e do Adolescente, vinculado ao Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, e a organização Médicos do Mundo. Essas colaborações vão além dos cuidados de saúde, abrangendo cursos em diversas áreas, como arquitetura, para o planejamento e reforma de espaços internos. Esse trabalho em conjunto é essencial para ações de responsabilidade socioambiental. A parceria com órgãos governamentais, como a prefeitura de São Paulo, também é fundamental.

Anualmente, a FMU participa e concorre ao Selo de Diversidade, sendo frequentemente premiada por suas diversas iniciativas. A extensão universitária se destaca como um pilar fundamental na formação acadêmica, promovendo o de-



Foto: Arquivo Pessoal

*Estudante de Jornalismo, no 5º semestre. É estagiária da AICOM, Agência Integrada de Comunicação da FMU | FIAM FAAM.

“O meu sangue, o meu coração e a minha mente queriam o teatro negro”

A renomada atriz paranaense Dirce Thomaz dos Santos nos apresentou sua trajetória artística e o impacto de Carolina Maria de Jesus em sua vida

Por Maria Carolina Silva de Sousa*



Foto: Paulo Petella

Ao chegar em nosso local de entrevista, no Sesc Consolação, estava apreensiva. A responsabilidade de entrevistar um dos grandes nomes do teatro negro estava me deixando com as mãos suadas, especialmente pelo nosso curto tempo de

conversa. Mas, assim que a avistei, ela já me abriu um sorriso e disse “Ê, Carol, finalmente deu certo!”. E foi assim que surgiu o bate-papo que vocês estão prestes a ler.

Se existe uma palavra que descreva Dirce Thomaz é hipnotizante. Nas-

cida no interior do Paraná, a futura Carolina Maria de Jesus no teatro já sabia o que seu destino estava sendo escrito quando em sua adolescência, ao iniciar seus estudos, aprendeu e se apaixonou pela arte de atuar ao se interessar por declamação e reci-

tácia. Ao descobrir o teatro de rua, emendava uma peça na outra. "Eram sábados e domingos. Depois que a gente parava e montava uma peça, já ensaiava outra e depois outra".

Emblemática, deu vida a Xica da Silva dirigida por Antunes Filho, em 1988, durante o centenário da abolição da escravatura. Desde então, realizou diversos trabalhos no teatro e no cinema, além de desenvolver projetos à parte, sempre com o intuito de levar cultura para espaços inclusivos e que possam proporcionar mudanças. Na nossa conversa que você pode conferir logo abaixo, Dirce nos teletransporta para sua própria história, que por si só já daria uma bela crônica à la Machado de Assis:

DUMELA: Como iniciou sua relação com o teatro?

DIRCE THOMAZ: Comecei a estudar tarde, aos 14 anos. Meu pai era músico e já sabia ler e escrever e minha mãe não lia e nem escrevia, mas era uma sábia. Então isso me fortaleceu.

Então isso me fortaleceu. Eu cheguei na escola gostando da atuação e era muito boa no inglês. Eu lembro, que na Copa de 70, criei poesias pelo tricampeonato brasileiro. Ao mudarmos para Umuarama, ficamos pouco tempo e naquela época a Jovem Guarda de Umuarama fazia muito sucesso. Em Curitiba participei de grupos de jovens e me encontrei com o teatro de bairro. Montei vários grupos de teatro, como o Juventude Unida do Bairro Alto. Me formei manequim pelo Senac, da primeira turma de manequim e trabalhei como secretária e em alguns projetos de modelagem. Mas, enfrentei muito preconceito, porque a cidade era muito racista e preconceituosa.

D: Consigo até imaginar o que você deveria ouvir.

DT: Demorou muito tempo até eu arrumar um trabalho. Daí arrumei com o Dr. Eugênio Leite, um grande empresário gaúcho. Eu tenho um apreço muito grande pelo povo gaúcho, porque foi o povo que me deu oportunidade de trabalhar. Eu ia toda maravilhosa, com cabelo e unhas feitas. Meu apelido era "pantera cor de rosa". A minha autoestima estava lá em cima.

Trabalhei algum tempo no Sindicato dos Artistas, que era ainda Associação dos Artistas. Foi aí que em 1981 decidi vir para São Paulo e comecei a trabalhar com os meus amigos do Banespa, que tinham um grupo de teatro e eles faziam festivais nas agências do interior. Depois, conheci Antunes Filho e não parei mais. O meu sangue, o meu coração e a minha mente queriam o teatro negro.

D: E como foi a sua experiência como intérprete de Xica da Silva de Antunes Filho em pleno centenário da abolição?

DT: Trabalhei dez anos com o Antunes, até vir a minha Xica da Silva. Foi no ano do centenário da abolição, então sempre diziam que não era para comemorar. Eu também não estava comemorando, mas esse espetáculo era um ponto crítico e até hoje está sendo discutido na minha dissertação de mestrado, porque agora tenho outras faces de Xica. Eu não faria Xica mais como fiz, porque tenho outro olhar. Aprendi muito. Naquela época era uma caipira. Ainda sou caipira, mas sou uma caipira mais sábia. Mas, o Antunes inspirou a fazer teatro negro



porque tinha um núcleo de atores negros na época da Xica. Trabalhei com uma galera que me incentivou muito também, como minha comadre Cida Moreno e o saudoso Paulinho Pompéia.

D: Foi assim que surgiu a Invasores Companhia Experimental de Teatro Negro?

DT: Tenho a Invasores Companhia Experimental de Teatro Negro desde o início dos anos 2000, então há 22 anos que a gente trabalha a questão do teatro negro. Estou com uma média 15 textos que é minha dramaturgia, alguns por finalizar entre performances, dramaturgia e comédia com dois textos infanto-juvenil. Uma das comédias que eu escrevi se chama O Drama da Amélia. Ela vem da exposição que eu assisti no CCBB (Centro Cultura Banco do Brasil) em São Paulo sobre a África. Outra é Negras Narrativas. Uma mulher negra, gorda, forte, sentada na Teodoro Sampaio, perto da Benedito Calixto da feirinha. Ela blasfemava, ela xingava. Ela estava muito revoltada. Daí cheguei em casa, comecei a escrever e surgiu Negras Narrativas.

D: E como você direciona este seu olhar às suas pesquisas?

DT: Hoje eu faço essa pesquisa de teatro, que é uma pesquisa potente e de ressignificação. É uma pesquisa de resistência. Mas, também de urgência. Discuto muito isso na faculdade: você vê uma cena e o que aquele negro ou aquela negra está passando? O que o George Floyd passou com aqueles gritos de "Não consigo respirar"? Tudo isso cala fundo na minha alma, que é o relato do negro. Durante o trabalho de performance que fiz com a Maria Lúcia para o NERA sobre Lélia Gonzalez, falei: "Meu Deus, eu quero alguma coisa de teatro". E depois de ver as mulheres emocionadas, só pensava que esse diá-



logo, que é o teatro que faço e o teatro que atravessa, é o teatro da potência, é o teatro da urgência, é o teatro que diz sobre as mulheres negras e as populações negras que estão sofrendo. Cada flecha que atravessa o negro dói em mim porque eu sou negra. É impossível não sentir o que o outro está sentindo.

D: Por mais que lutemos todos os dias, incansavelmente, parece que nunca vai existir um cessar de tudo.

DT: Racismo, fascismo, sexismo e nazismo. O ser humano está muito mais difícil. Então, só muita arte para nos salvar.

D: Como você relaciona o impacto que suas experiências pessoais tiveram em seu trabalho?

DT: Depois de trabalhar com o Antunes, não fui aceitei qualquer coisa. Daí

o Sarau das Negras Velhas. Também criei dois sambas enredo: um para família do Solano Trindade e outro para minha família. É essa doideira que está acontecendo na minha vida. A pandemia me encorralou, mas minha mente e corpo estavam soltando tudo o que eu tinha por dentro.

D: Você identifica que hoje o seu público se multiplicou?

DT: Eu percebo que agora tem um número grande. No Instagram, cresceu muito e fui obrigada a começar a usar WhatsApp [risos].

D: E em relação ao público que acompanha os espetáculos de teatro negro?

DT: Eu tento pegar as pessoas lá do canto delas e trazer “pro” meu canto. Tanto que com Carolina agora eu trabalhei muito com os CEUs [Centros Educacionais Unificados, da cidade de São Paulo]. Eu fiz muitas performances e ganhei um muito público. E estou sempre falando sobre teatro negro. Sempre respirando e inventando. O meu teatro fala, me ressignifica, mexe comigo. E voltando ao público, acho que ele responde muito nas escolas. Circulei com Carolina no CEU Heliópolis, uma emenda que ganhei na Casa de Cultura da Penha, no Centro Cultural Centro de Cultura Grajaú, na casa do Centro Cultural Negro Antigo de Oxalá, no Jabaquara e encerrei na Casa de Cultura de Parelheiros. Mas, o calcanhar de Aquiles foi quando eu estava na Funarte. Conseguí lotar a Sala Guiomar Novaes com 150 lugares só falando sobre Carolina. Os seguranças falaram “nunca vi nada assim, a peça da senhora deve ser muito boa”. Isso mostra que o teatro negro já tem público.

D: Já se passaram quase 19 anos desde a promulgação da Lei 10.639, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de “história e cultura afro-brasileira” dentro das disciplinas que já fazem parte das grades curriculares dos ensinos



Divulgação: Instagram da Atriz



Divulgação: Arquivo da Atriz

fundamental e médio. Mas, sabemos que a educação étnico-racial não é uma realidade, mesmo que existam suas discussões em nosso cotidiano. Por isso, em sua visão, especialmente enquanto arte-educadora, qual o impacto de um ambiente acadêmico, como o que existe na FMU – que permite o desenvolvimento do Núcleo Etnico-racial e da revista Dumela, além da Sala de Leitura.

DT: As pessoas não conhecem a história daqui. Por quê? Porque falta educação. Falta respeito aos diferentes. Precisamos falar sobre as diferentes realidades vividas no Brasil. No dia 20, todos fazem um desfile. Mas, nós negros, existimos todos os dias. É preciso começar pela base, pois as crianças têm a mente mais aberta. O adulto quando está com a mente lacrada, você precisa voltar para buscar mais. Quando ele desperta, é muito bonito. Vale lembrar que ninguém é uma tábua rasa. A pessoa, quando chega em algum espaço que está sendo apresentado a uma pessoa, não pode julgá-la. Cada uma



Foto: Arquivo Pessoal

*Jornalista formada pela FIAM-FAAM e estudante de Produção Editorial. É especialista em comunicação política e uma grande fã de literatura policial.

Promovendo a Educação Antirracista: A jornada de Geranilde Costa na UNILAB

Uma luta inclusiva e diversificada contra o preconceito racial

Por Lala Evan*



Foto: Arquivo Pessoal

Doutora em Educação e Pedagoga, Geranilde Costa desempenha um papel fundamental na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), situada em Redenção (CE). Ocupando atualmente o cargo de Coordenação de Projetos de Extensão e Ação Comunitária - PROEX/UNILAB, ela também é professora efetiva no Mestrado Acadêmico em Ensino e Formação Docente, assim como no Mestrado Acadêmico em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis – MASTS, ambos na UNILAB.

Seu compromisso com a educação é evidente em seus estudos focados na Pragmatologia, especialmente no contexto

escolar, no qual concentra seus esforços na promoção da Educação para as relações étnico-raciais e Educação Especial Inclusiva em territórios indígenas e quilombolas. Além disso, a Dra. Geranilde é membra ativa do Grupo de Pesquisa: ÁFRICA-BRASIL: Produção de conhecimento, Sociedade civil, Desenvolvimento e Cidadania Global, na linha de pesquisa: Educação e Pedagogias das Relações Étnico-Raciais: territórios, religiosidades e intelectualidades

A trajetória de Geranilde, nascida no Maranhão e hoje uma referência na UNILAB, destaca-se pela superação de desafios e pela dedicação à promoção de uma educação antirracista.

Desde a infância em uma família miscigenada, a professora enfrentou o preconceito, sendo chamada de “preta” e “macaca”, contudo, sua determinação a levou a destacar-se na escola, escolhendo a carreira de professora, apesar da resistência familiar que desejava vê-la como juíza.

Ao longo de sua jornada acadêmica, Geranilde enfrentou a falta de reconhecimento do racismo por alguns colegas, mas sua resiliência a consolidou como uma voz relevante na luta contra o preconceito racial.

Sua participação em eventos como o Hackathon da Fiesp e na Universidade Zumbi dos Palmares fortaleceu seu compromisso com uma educação que valoriza a diversidade étnico-racial. O curso de pedagogia da UNILAB, assim como seus envolvimentos em projetos e pesquisas, evidenciam sua busca constante por um referencial teórico que destaque a importância da cultura africana na formação de professores.

A UNILAB, criada em 2010, desempenha um papel crucial na formação de professores qualificados, buscando equilibrar a presença de docentes brasileiros e africanos. A seleção de estudantes africanos ocorre em seus países de origem, considerando a questão econômica. A universidade representa um espaço de oportunidade única para a formação acadêmica de qualidade,





Foto: Divulgação Site Unilab

contribuindo para o desenvolvimento social e econômico dos países africanos. No âmbito da luta pela inclusão na educação, a docente destaca a falta de referências bibliográficas sobre a educação africana, nos planos de ensino, o que considera um desafio. Seus esforços concentram-se em promover uma formação continuada dos professores,

incentivando uma perspectiva inclusiva e plural. Sobre as oportunidades de emprego para os egressos da UNILAB, Geranilde observa que a maioria encontra emprego na área de educação, especialmente na região do Maciço de Baturité. Ela destaca, ainda, a importância de se garantir oportunidades de emprego em outras áreas, além da educação, buscando

uma atuação conjunta com órgãos como o Ministério Público. A logística dos cursos na UNILAB envolve uma divisão de vagas, com 30% reservados para africanos, além de ações afirmativas para quilombolas, indígenas, deficientes, refugiados e alunos provenientes de sistemas prisionais. Como dito acima, a seleção de estudantes africanos é realizada nos

países de origem, com a aplicação de provas por professores brasileiros.

Uma experiência recente incluiu a aplicação de provas em Guiné-Bissau, com quase mil estudantes inscritos. Alunos guineenses, ao retornarem para sua terra natal, têm contribuído significativamente para o desenvolvimento de seu país. Como o caso de um ex-bolsista que se tornou professor após passar pelo curso de história e mestrado na UNILAB.

Atualmente, a universidade oferece 28 cursos de gra-



Foto: Divulgação Site Unilab



Foto: Divulgação Site Unilab

duação, incluindo Letras, Pedagogia, Sociologia, Ciências Sociais, História, Matemática, Física, Química, Biologia, Enfermagem, Farmácia, Engenharias, Antropologia, Administração Pública, Serviço Social, entre outros. Adicionalmente, possui nove cursos de mestrado e um de doutorado na área de enfermagem, demonstrando um crescimento notável ao longo dos 13 anos de existência.

Essa diversidade de cursos reflete o compromisso da UNILAB com a formação de profissionais em diversas áreas, contribuindo para a integração entre Brasil e África e promovendo um ambiente acadêmico multicultural e inclusivo.

A história de Geranilde Costa é um testemunho inspirador de superação e dedicação à causa da educação antirracista. Seu papel na UNILAB e sua luta pela inclusão evidenciam a importância de promover uma educação justa e igualitária para todos.



Foto: Arquivo Pessoal

*Jornalista graduada pelo FIAM-FAAM Centro Universitário em 2023.



Foto: Divulgação Site Unilab

Compartilhe Docência



**Participe do evento
“Compartilhe Docência” e
divulgue suas práticas inovadoras
e bem-sucedidas com a
comunidade acadêmica.**

Não perca essa oportunidade!

A Cultura **BALLROOM** no Brasil

Uma cultura importada e adaptada que vive, resiste e renasce em corpos marginalizados

Por Lucas Luan*

Imagine um espaço onde o colorido se mistura com movimentos corporais e o resultado disso é a liberdade de ser você mesmo? No imaginário comum, podemos dizer que isso só poderia acontecer nos contos de fadas, mas, graças a comunidade LGBTQIA+, isso sai do campo da imaginação e vem ao físico por meio da cultura Ballroom. Na obra E a categoria é... Ballroom no Brasil – A importação, adaptação, valorização e renascimento de uma cultura, resultado de meu Trabalho de Conclusão de Curso, busco discorrer sobre como a história dessa cultura se constrói na luta por autoafirmação e valorização de corpos diversos e marginalizados, e como ela se torna um espaço que está fortemente ligado a um movimento político que visa celebrar a diversidade, a inclusão, a sexualidade, as etnias e os diferentes corpos.

Pesquisar sobre uma cultura pop em ascensão é bem complicado, diariamente temos atualizações sobre fatos e novos lugares alcançados. Nesta matéria, está apenas um curto recorte das belezas que a Ballroom é, sendo necessário sair um pouco da magnificência que são os bailes e partir para os bastidores que tenta resgatar a história de luta por direitos e pertencimento.

O que é Ballroom?

A cultura Ballroom surge em 1849, no Harlem, bairro do subúrbio nova-iorquino. Foi neste local que se iniciou, nas décadas de 1920 e 1930, um manifesto cultural, majoritariamente dominado por negros, conhecido hoje como Harlem Renaissance, ou New Negro,

movimento responsável por colocar a classe artística negra em um lugar de destaque, influenciando momentos históricos de luta como o Black Power Movement e o Black Arts Movement.

E assim como toda cultura, a Ballroom não é diferente quando se trata de ter uma pessoa precursora. Neste caso, o nome destaque dentro da comunidade é o de Crystal LaBeija, travesti preta, que no início dos bailes apontou, em um ato revolucionário no cenário da Ballroom, a mother Flawless Sabrina, como uma suposta influência sobre os jurados, levando-os a elegerem e darem os troféus disputados nos bailes apenas para queens brancas. Após este fato, Crystal se junta a drag queen Lottie Labeija, sua amiga, dando início aos bailes que conhecemos hoje, os quais valorizam todos os corpos, inclusive os negros.

Família e Casas
Nos 10 anos seguintes após a denúncia de Crystal, a Ballroom floresceu. Durante esse tempo, o conceito de mother (mãe) – principalmente ligado às drags – ganhou muito destaque, pois os balls organizados por Crystal e Lottie foram os primeiros a hospedarem as houses (casas) que tiveram grande destaque para a comunidade LGBTQIA+ nessa época, tendo em vista que seu público era majoritariamente queer. Hoje, as casas não precisam mais ser necessariamente ligadas a espaços físicos. Na maioria dos casos, as houses eram de certa forma a única família para alguns, levando em conta a marginalização e o desprezo de seus fa-

miliares. Nesses locais, o título mother era dado à pessoa que era tida como a responsável e chefe da house, e, assim, todos os filhos desta casa levavam o sobrenome da mãe.

Bailes

Em 1960, as balls começam a ganhar destaque dentro da comunidade LGBTQIA+ da época. Neste momento, mulheres trans e drag queens já tinham uma certa participação nos bailes, correndo, principalmente, nas categorias de beleza.

Uma ball, ou melhor, um baile é o momento na cultura Ballroom onde existem as competições, que tem como reconhecimento do esforço o Cash Prize, que normalmente é chamado de Grand Prize (o prêmio e/ou troféu da noite). No decorrer do evento, quem está na posição de chanter tem como base conduzir o evento e anunciar as categorias. Ao ser aberta a passarela e dado início ao evento, as pessoas ali presentes começam a fazer suas performances, e não há escolha de quem irá performar ou não. Lá, dado início à ball, quem estiver presente e quiser competir, pode ficar à vontade. Assim como toda batalha, durante uma ball também há os vencedores e favoritos. Dentre as pontuações, há o famoso “10s” (aprovado) e o chop (pessoas que são cortadas da categoria) – e aqui é válido destacar que pessoas das mesmas houses comumente não batalham entre si.

As principais categorias da Ballroom são: Runway, que define o melhor desfile e caminhada na passarela; Face, que dá destaque ao rosto mais perfeito e

expressivo; Best Dressed, que avalia as melhores caracterizações, pois muitas vezes a noite tem um tema; e Sex Siren, que premia a sensualidade e habilidade de seduzir. Todas essas categorias apresentadas durante as balls são postas para que, de alguma forma, seja feito o desenvolvimento de performances corporais e estéticas.

Uma categoria extremamente importante, que visa valorizar o corpo travesti e transsexual, é a femme vogue. Uma das categorias mais lindas onde é exaltada a beleza travesti e trans. Durante a categoria, as mulheres se afirmam e se apresentam de forma exuberante.

A importância da cultura

Nos anos 1980, graças à revolução imposta por Crystal LaBeija, a comunidade preta conseguiu ter seus corpos legitimados de novo, mostrando que os padrões estéticos impostos pelos concursos não passavam de racismo disfarçado.

Um ponto que ganha destaque aqui são as queens imigrantes que ganharam voz em um país cuja cultura menospreza os não nativos. A criação das houses, que é uma espécie de quilombo, e das mothers, as quais exerciam a figura materna e de família, dedicando-se a cuidar e acolher os jovens negros, latinos e comunidade LGBTQIA+, também é de suma importância, uma vez que a base da Ballroom é o acolhimento. No final dos anos 1970, muitos LGBTQIA+ dos Estados Unidos viraram sem-teto, representando 40% dessa população, fazendo com que as houses deixassem de ser apenas voltadas à formação para competições, mas, também, se tornassem um centro de acolhimento. Até hoje vemos o reflexo do bem que essa cultura faz para a comunidade, em entrevista para o livro com Lua Brainer, jovem travesti de 25 anos e estudante de Teoria da Dança na Universidade Federal do Rio de Janeiro e dona do título Legendary, ela destaca:

"Para a Ballroom, não precisa dançar. Ser Ballroom é muito mais que movimento, é contribuir e resistir. A nossa cultura é agregação, é conexão, é revolução, é a nova forma de ser e de ter uma extensão de pensamentos contra um sistema que nos mata."

"Essa conexão é o que nos protege. Criamos uma comunidade onde, o que lá fora te mata, aqui dentro te fortalecerá, pois aqui você não será morto".

Brasil x Ballroom

Quando falamos da cena Ballroom no Brasil, é interessante pontuar sobre como essa cultura se comporta quando sai do seu berço, os Estados Unidos. Assim como toda cultura importada, a Ballroom foi adaptada e inserida em uma cena mais abrasileirada, ganhando a inserção de aspectos culturais nacionais. Uma delas, por exemplo, é a capoeira, uma expressão cultural afro-brasileira e que, assim como a Ballroom, tem o seu berço na negritude e na necessidade de resistir. Essa expressão cultural foi incluída na cultura, recentemente, por meio do voguing.

Para o livro, a ideia principal era criar essa panorâmica histórica do que é a cultura em questão, sobre sua inserção no Brasil, para depois discorrer sobre como o mainstream se tornou um forte aliado para a sua propagação. Aliás, não é a primeira vez que o voguing ganha destaque no mainstream. No ano de 1990, a cantora Madonna lançou a música Vogue, que veio acompanhada de várias referências da Ballroom, como, por exemplo, a dança que leva o título da música: o voguing. Em E a categoria é... Ballroom no Brasil, busco trazer exemplos próximos, de como a cultura vem se destacando, como por exemplo na série Pose, no reality show Legendary, no álbum Renaissance da cantora Beyoncé, entre outros exemplos.

Além disso, trago também a importância do Jornalismo para propagar a cultura, pois usando da promoção dessa cultura, o jornalismo também preza pelo fim dos estereótipos e preconceitos ligados a comunidade queer, fazendo aqui um papel inverso, mostrando toda a riqueza cultural, resiliência e diversidade presente na Ballroom, ao passo em que desperta os olhares para toda a luta pelos direitos LGBTQIA+, por oportunidades e pela justiça social. Assim, é fato que o jornalismo tem um papel muito importante para a comunidade Ballroom, pois pode fornecer visibilidade para uma cultura que tan-

to acolhe as classes mais prejudicadas no sistema elitista em que vivemos, na reeducação por meio da informação, na intenção de quebrar estereótipos e trazer à tona histórias que são apagadas, contribuindo, assim, para a valorização, respeito e luta por inclusão.

O livro que foi construído por meio de pesquisa bibliográfica e entrevistas, se encerra com a narração da visita de um baile, o VFL – Vogue for Life, onde é discorrido sobre o que ali acontece, seguido por algumas imagens (que serão apresentadas adiante) e contando sobre como a ideia de gênero ali é ressignificada, além de apresentar um glossário de termos relacionado às culturas, fazendo com que o leitor fique bem mais imerso em toda história de resiliência da Ballroom.

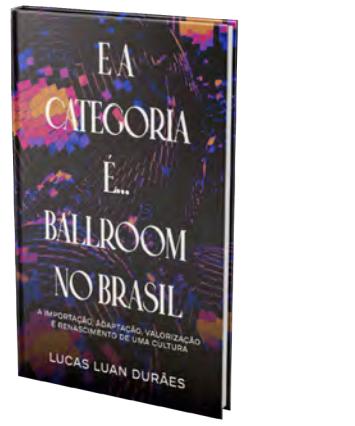


Foto: Arquivo Pessoal

*Graduado em Jornalismo pelo Centro Universitário FiamFaam, Lucas Luan Durães tem 23 anos de idade e é autor do livro E a categoria é ballroom no Brasil. Atualmente trabalha com eventos no Hospital Sírio-Libanês.









Reconhecimento facial como ferramenta de Segurança Pública?

Enquete revela diversidade de percepções sobre uma tecnologia em crescimento, mas com casos emblemáticos de racismo após série de erros

Por Edson Silva*

O uso de tecnologias de reconhecimento facial como ferramenta de segurança pública tem sido um tema de intenso debate social. Em abril de 2024, um homem foi preso erroneamente em um estádio de futebol após ser detectado pelo sistema de reconhecimento facial da polícia de Sergipe.

Não foi o primeiro caso. Erros em série têm demonstrando a fragilidade do sistema. Além disso, estudos indicam que os sistemas de reconhecimento facial estão longe de ser neutros, apresentando viés racista em seus resultados. Na Bahia, onde o sistema funciona desde 2019 e já encarcerou 1523 pessoas, casos semelhantes também ocorreram, mas a Secretaria de Segurança Pública do estado não sabe informar quantas vezes o sistema errou.

Segundo a Rede de Observatório da Segurança, 90,5% das prisões feitas através do reconhecimento facial foram de pessoas negras, alguns que nunca tiveram passagem pela polícia, não sabiam como passaram a integrar o banco de dados de criminosos.

Em 2023, durante o Congresso Acadêmico “Inteligência Artificial – Realidades e Projeções” da FMU, os professores Gean Gonçalves e Maria Lucia da Silva, ambos do NERA, apresentaram uma pesquisa sobre o tema que alerta para o tema no noticiário e o quanto o assunto está sendo tratado, na opinião pública, como uma manifestação de racismo tecnológico ou racismo algorítmico. O pesquisador Tarcízio Silva, autor de um livro sobre o assunto (*Racismo algorítmico:*

inteligência artificial e discriminação nas redes digitais, de 2022), aponta e contribui com o conceito de racismo algorítmico, para nos fazer entender que as tecnologias também não escapam ao racismo estrutural.

Para entender melhor as percepções sobre o assunto realizamos uma enquete no campus Liberdade da FMU com oito participantes, incluindo dois funcionários, um professor e quatro estudantes de distintos cursos. No processo não mencionamos qualquer informação sobre o assunto. A ideia foi a de ouvir e saber o que as pessoas sabem. Como resultado, as opiniões coletadas revelam um panorama diversificado e, por vezes, conflitante sobre a eficácia e a ética dessa tecnologia:

“Eu tenho alguma experiência com reconhecimento facial. Mas no prédio onde trabalho, por exemplo, eu não gostaria de usá-lo. Depende muito do equipamento, da sua rapidez, mas eu sou a favor. Se o equipamento funcionar bem, pode ser útil em lugares públicos. Eu não sinto problemas com isso”. - **Gabriel Silva, 21 anos | funcionário**



Foto: Arquivo Pessoal

“Acho prático e eficiente, principalmente em bancos. Hoje em dia, muitos prédios também utilizam reconhecimento facial em vez de cartões ou tickets. Nunca parei para pensar sobre os padrões de reconhecimento facial, mas isso é algo que devemos considerar”- **Jaqueleine Rodrigues, 26 anos | estudante de Jornalismo**



Foto: Arquivo Pessoal

“Não acho muito seguro, pois muitas pessoas têm características faciais semelhantes às minhas, o que pode causar erros na identificação e comprometer a segurança. Tenho receio de que o reconhecimento facial prejudique certas pessoas. Não sei exatamente quais critérios a ferramenta utiliza, e isso me preocupa. A empresa onde trabalho usa essa tecnologia, mas eu não me sinto confortável com isso”. Eu tenho alguma experiência com reconhecimento facial. Mas no prédio onde trabalho, por exemplo, eu não gostaria de usá-lo. Depende muito do equipamento, da sua rapidez, mas eu sou a favor. Se o equipamento funcionar bem, pode ser útil em lugares públicos. Eu não sinto problemas com isso”. - **Evelyn Patrícia, 23 anos | estudante de Fisioterapia**



Foto: Arquivo Pessoal

“Acho necessário, especialmente porque, se eu perdesse o celular, poderia recuperá-lo com o reconhecimento facial. É uma ferramenta útil para proteger nossos dados”. - **Gleyson Claudino, 21 anos | estudante de Rádio e TV**



Foto: Arquivo Pessoal

“Acho o uso do reconhecimento facial interessante, principalmente quando estamos sem documentos. No entanto, se mal utilizado, pode causar constrangimentos. No Brasil, o reconhecimento facial ainda tem um recorte elitista. Para pessoas não negras, o impacto pode ser menor, mas para pessoas negras, isso pode causar problemas graves”. - **Júlia Moraes, 22 anos | estudante de Jornalismo**



Foto: Arquivo Pessoal

“Acho que é uma boa ferramenta para segurança e senhas. Apesar de ser contraditório, pois pode facilitar o acesso indesejado em algumas situações, no dia a dia, eu gosto e uso bastante. Uso o reconhecimento facial em aplicativos e para desbloquear o celular. Mesmo não sendo totalmente segura, ajuda bastante a agilizar o acesso”. - **Ana Beatriz, 21 anos | funcionária**



"Com a pandemia isso cresceu muito, especialmente em países asiáticos. Lembro-me de uma discussão da época feita por um filósofo germano-coreano chamado Byung-Chul Han, que abordava esse tema. Também recordo as reflexões de Slavoj Zizek [filósofo esloveno] sobre como a democracia poderia ser a solução para a pandemia. Ele discutia a ideia de que a democracia poderia representar um controle total da doença, através de uma 'democracia vigilante', com câmeras instaladas nas estações de metrô e outros locais, resultando em uma vigilância cada vez mais intensa sobre os cidadãos em seus processos cotidianos". - **Vinícius Mendes, 33 anos | Professor**

As respostas revelam algumas tendências. Primeiro, participantes como Evelyn e Júlia, destacaram a preocupação com a precisão do reconhecimento facial e seu potencial para discriminhar pessoas com características faciais semelhantes, principalmente em contextos em que o viés racial pode ser um problema. Segundo, Gabriel ressaltou que a eficácia da tecnologia depende muito da qualidade dos equipamentos utilizados, sugerindo que a confiança na tecnologia pode variar de acordo com sua implementação técnica. Ademais, os participantes reconheceram a praticidade do

reconhecimento facial para usos pessoais, como desbloquear dispositivos e acessar aplicativos bancários, embora também reconheçam as possíveis vulnerabilidades. Júlia trouxe à tona o aspecto elitista do reconhecimento facial no Brasil, sugerindo que a tecnologia precisa ser aprimorada para ser mais justa e inclusiva.

Os resultados desta enquete sublinham a necessidade de um debate mais aprofundado sobre a implementação do reconhecimento facial como ferramenta de Segurança Pública. A precisão e a equidade são questões cruciais que pre-

cisam ser abordadas para evitar discriminação e garantir que a tecnologia beneficie todos os segmentos da sociedade. Além disso, a dependência da qualidade dos equipamentos destaca a importância de investimentos em tecnologia de ponta e treinamento adequado para os profissionais que a utilizam. A praticidade e a eficiência são inegáveis, mas devem ser equilibradas com considerações éticas sobre viés racista e privacidade.

*Estudante de Jornalismo e estagiário da AICOM
**Supervisão do professor Gean Gonçalves, do curso de Jornalismo

Gênero, conhecimento e intersecções na América Latina

Teoria Feminista e Perspectivas Decolonial e Afrodiáspórica

Por Andrea Rosendo da Silva*



Foto: Andrea Rozendo

Prestes a completar 10 anos, a Marcha nacional das mulheres negras incluiu pautas na agenda governamental

1. A obra mais famosa da filósofa Simone de Beauvoir, *O Segundo Sexo*, foi publicada em 1949, refletindo a percepção a respeito da dominação patriarcal e seu impacto na construção de papéis sexuais e, sobretudo, na identidade feminina. A célebre frase "Não se nasce mulher, torna-se", trata-se, em síntese, da desvinculação entre a biologia e o lugar ocupados por mulheres e homens em diferentes sociedades. O estudo de Simone sobre o papel

social das mulheres evidenciou as bases ideológicas e políticas do privilégio masculino.

2. Jurema Werneck, médica doutora em comunicação, nos lembra que a perspectiva apontada por Beauvoir demonstra que a ideia da inferioridade das mulheres é algo que não existe nos limites de seus corpos, mas sim como resultado de um sistema de dominação que isola, classifica e inferioriza características físicas

e genéticas de pessoas e grupos – neste caso, o sexo feminino – como forma de justificar a apropriação de poderes e riquezas comuns (WERNECK,2010).

3. Dos anos de 1950 aos anos de 1980, houve um deslocamento do estudo de mulheres para gênero. A historiadora estadunidense Joan Scott, em artigo Gênero: uma categoria útil para análise histórica , assinala a importância da categoria gênero por



Foto: Acervo Pessoal

Lélia Gonzalez e Angela Davis nos Estados Unidos, em 1984.

compreendê-la como mais complexa para os estudos dos papéis e das relações sociais de homens e mulheres ao longo da história. Segundo esta autora, gênero interconecta-se com as diferenças e micropoderes entre homens e mulheres, pois a construção social da suposta “inferioridade” e, por conseguinte, da submissão da mulher, deram suporte a símbolos, normas, organização social e, entre outros, à identidade subjetiva, os quais foram replicados universalmente. Os micropoderes e privilégios masculinos sempre estiveram atrelados a circunstâncias históricas e culturais e mudanças no transcorrer do tempo. Assim, gênero foi um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, tornando-se uma forma primeira de significar as relações de poder.

4. Mudanças na organização das relações sociais correspondem à mudança nas representações de poder. Entretanto, a direção da mudança não segue necessariamente um sentido único. Como o gênero implica elementos relacionados entre si – símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações múltiplas, muitas vezes, contraditórias –, a teoria feminista deve ser aplicada de maneira contextualizada, levando em conta as especificidades locais e históricas.

5. A teoria feminista negra é uma teoria que busca compreender a complexidade das relações sociais entre homens e mulheres, considerando tanto as diferenças quanto as similaridades entre elas. Ela enfatiza a importância da raça e do gênero como categorias analíticas, e busca desafiar as estruturas de poder que mantêm as mulheres negras em uma posição de subordinação. A teoria feminista negra é uma teoria que busca compreender a complexidade das relações sociais entre homens e mulheres, considerando tanto as diferenças quanto as similaridades entre elas. Ela enfatiza a importância da raça e do gênero como categorias analíticas, e busca desafiar as estruturas de poder que mantêm as mulheres negras em uma posição de subordinação.

6. A teoria feminista negra é uma teoria que busca compreender a complexidade das relações sociais entre homens e mulheres, considerando tanto as diferenças quanto as similaridades entre elas. Ela enfatiza a importância da raça e do gênero como categorias analíticas, e busca desafiar as estruturas de poder que mantêm as mulheres negras em uma posição de subordinação. A teoria feminista negra é uma teoria que busca compreender a complexidade das relações sociais entre homens e mulheres, considerando tanto as diferenças quanto as similaridades entre elas. Ela enfatiza a importância da raça e do gênero como categorias analíticas, e busca desafiar as estruturas de poder que mantêm as mulheres negras em uma posição de subordinação.

7. A teoria feminista negra é uma teoria que busca compreender a complexidade das relações sociais entre homens e mulheres, considerando tanto as diferenças quanto as similaridades entre elas. Ela enfatiza a importância da raça e do gênero como categorias analíticas, e busca desafiar as estruturas de poder que mantêm as mulheres negras em uma posição de subordinação. A teoria feminista negra é uma teoria que busca compreender a complexidade das relações sociais entre homens e mulheres, considerando tanto as diferenças quanto as similaridades entre elas. Ela enfatiza a importância da raça e do gênero como categorias analíticas, e busca desafiar as estruturas de poder que mantêm as mulheres negras em uma posição de subordinação.

7. A teoria feminista negra é uma teoria que busca compreender a complexidade das relações sociais entre homens e mulheres, considerando tanto as diferenças quanto as similaridades entre elas. Ela enfatiza a importância da raça e do gênero como categorias analíticas, e busca desafiar as estruturas de poder que mantêm as mulheres negras em uma posição de subordinação. A teoria feminista negra é uma teoria que busca compreender a complexidade das relações sociais entre homens e mulheres, considerando tanto as diferenças quanto as similaridades entre elas. Ela enfatiza a importância da raça e do gênero como categorias analíticas, e busca desafiar as estruturas de poder que mantêm as mulheres negras em uma posição de subordinação.

8. A teoria feminista negra é uma teoria que busca compreender a complexidade das relações sociais entre homens e mulheres, considerando tanto as diferenças quanto as similaridades entre elas. Ela enfatiza a importância da raça e do gênero como categorias analíticas, e busca desafiar as estruturas de poder que mantêm as mulheres negras em uma posição de subordinação. A teoria feminista negra é uma teoria que busca compreender a complexidade das relações sociais entre homens e mulheres, considerando tanto as diferenças quanto as similaridades entre elas. Ela enfatiza a importância da raça e do gênero como categorias analíticas, e busca desafiar as estruturas de poder que mantêm as mulheres negras em uma posição de subordinação.

9. A teoria feminista negra é uma teoria que busca compreender a complexidade das relações sociais entre homens e mulheres, considerando tanto as diferenças quanto as similaridades entre elas. Ela enfatiza a importância da raça e do gênero como categorias analíticas, e busca desafiar as estruturas de poder que mantêm as mulheres negras em uma posição de subordinação. A teoria feminista negra é uma teoria que busca compreender a complexidade das relações sociais entre homens e mulheres, considerando tanto as diferenças quanto as similaridades entre elas. Ela enfatiza a importância da raça e do gênero como categorias analíticas, e busca desafiar as estruturas de poder que mantêm as mulheres negras em uma posição de subordinação.



Foto: Andrea Rozendo

tância do ponto de vista feminista (feminist standpoint) para na construção da Epistemologia Feminista Negra. O entrecruzamento entre gênero, raça, classe, geração, isto é, a interseccionalidade, é tratada como ferramenta analítica, a qual pode ser acessada por pessoas comuns quando percebem que precisam de estruturas melhores para lidar com os problemas sociais.

1.1 A Teoria Feminista Negra e o Pensamento Afrodispórico são conhecimentos transnacionais. Além das pensadoras afro-estadunidenses, podemos destacar as reflexões da socióloga Oyérónké Oyewùmí acerca dos papéis de gênero na África. Ela critica à centralidade do corpo nos estudos sobre humanidade no pensamento ocidental. Para ela, foram as posições de poder que estabeleceram a biologia racial (branca) e de gênero (masculina) como superiores e como forma de afirmar privilégio e domínios sobre outros corpos que são geneticamente diferentes (OYEWÙMÍ, 2021).

1.2 Na América Latina, a crítica da intelectual africana foi de grande relevância para a socióloga argentina María Lugones fundamentar o conceito de colonialidade do gênero nos anos de 1990/2000. Mas são as afro-latinas do maior país latino-americano, isto é, o Brasil, que contribuíram para fomentar o debate contemporâneo das relações raciais

e de gênero na região. Com a implementação das ações afirmativas nas ações e políticas públicas do governo federal, essas questões passaram a ter maior circulação na esfera pública. Entretanto, é fundamental reconhecer as grandes referências que incluíram o olhar sobre o gênero em seus estudos. Sueli Carneiro, Beatriz Nascimento, Lélia Gonzalez, Luiza Bairros, Jurema Werneck, entre outras, são algumas das pensadoras afro-brasileiras que se dedicaram aos estudos sobre gêneros e outras interseções.

1.3 A socióloga Lélia Gonzalez, por exemplo, foi uma das primeiras intelectuais negras a refletir sobre o duplo fenômeno do sexismo e do racismo na vida das mulheres negras. Ela compreendia que o racismo se constitui numa sintomática que caracteriza a “neurose cultural brasileira”, que, articulada com o sexismo, produzia efeitos violentos sobre a mulher negra, gerando estereótipos que colocam a mulher negra no mais baixo nível de opressão (GONZALEZ, 1984). Já a historiadora Beatriz Nascimento, empreendeu críticas à exclusão e apagamento das pessoas negras na narrativa oficial da história do Brasil. Também interpretou as comunidades quilombolas como forma de organização coletiva negra em oposição ao regime de escravidão imposto pelos proprietários de pessoas negras no período colonial brasileiro. Luiza Bairros, doutora em sociologia, por sua vez, foi uma das primeiras intelectuais brasileiras a problematizar o Feminismo Negro e luta organizadas das mulheres negras contra o racismo, o sexismo e outras formas de opressão. Administradora por formação, foi ministra do governo federal e uma incansável servidora pública defensora de políticas públicas afirmativas como ação estratégica governamental de combate ao racismo.

1.4 A filósofa Sueli Carneiro – fundadora do Geledés (Instituto da Mulher Negra) –, em sua tese de doutorado, refletiu como a raça tor-

na-se um dispositivo de controle social, operado pela ideologia dominante, responsável pela marginalização e a exclusão das pessoas negras em diferentes esferas da sociedade. Autora da obra Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil, Sueli também nos ensina como o racismo cria hierarquias de conhecimentos e, por conseguinte, epistemicídios, ou seja, a morte de conhecimentos não eleitos e validados pela elite dominante.

1.5 Além das brasileiras podemos citar outras intelectuais que refletem sobre relações de raça e gênero e descolonização. Ochy Curiel joga luz sobre a sexualidade afrodescendente; Yaderkys Miñoso reflete sobre epistemologias feministas afrodescendentes; Betty Lozano contribui com estudos sobre feminismo afro-indígena; Inez Perez-Wilker empreende estudo sobre representações culturais e, entre tantas outras, Denise Ferreira da Silva, que sistematiza a descolonização do conhecimento e propõe estudo para uma estética negra.

1.6 Baseado na construção de conhecimentos teóricos cada vez maior conduzido por mulheres negras, esse artigo propõe um diálogo com intelectuais da Teoria Feminista, com o objetivo de apontar perspectivas teóricas que estão em sintonia com as elaborações teóricas e sócio-filosóficas das mulheres negras, bem como com as práticas sociais dos movimentos sociais de mulheres negras. As epistemologias Decolonial, Anticolonial, Contracolonial e Afrodescendente sinalizam não apenas as relações e os conflitos de raça e gênero. Elas sinalizam mudanças na produção de conhecimento no Sul Global, oferecem outras percepções para a compreensão das experiências plurais de mulheres da América Latina.

1.7 As mulheres afro-latinas compartilham existências marcadas pela opressão e resistência e isso reflete na diversidade de investigações teóricas que vêm sendo realizadas para alcançar a transformação social, a justiça de gênero e o reconheci-

mento. A teoria e a prática feminista avançam quando o feminismo e sua luta histórica contra a opressão baseada no gênero, recepcionam estudos que tratam das relações de poder coloniais e eurocêntricas que impactaram a região.

Referências:

1. WERNECK, Jurema. *Mulheres negras brasileiras e os resultados de Durban*. PAULA, Marilene e HERINGER, Rosana. *Caminhos convergentes: Estado e sociedade na superação das desigualdades raciais no Brasil*. 1ª Edição Rio de Janeiro, 2009.
2. SCOTT, Joan Wallach; LOURO, Guacira Lopes; SILVA, Tomaz Tadeu da. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica de Joan Scott*. *Educação & realidade*. Porto Alegre. Vol. 20, n. 2 (jul./dez. 1995), p. 71-99, 1995
3. CRENSHAW, Kimberlé. *Mapeando as margens: interseccionalidade, políticas de identidade e violência contra mulheres não-brancas*. *Revista Subjetiva*, v. 21, 2017.
4. OYEWUMÍ, Oyérónké. *A invenção das mulheres – Construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.
5. GONZALEZ, Lélia. *Racismo e sexism na cultura brasileira*. *Revista ciências sociais hoje*, v. 2, n. 1, p. 223-244, 1984.



Foto: Arquivo Pessoal



FMU PÓS DIGITAL

LEVEL UP

Formação em 8 meses

100% Online

Videoaulas + aulas ao vivo com especialistas de mercado

5 certificações ao final do programa

4 certificados de extensão + 1 certificado de especialização

Programa com mentoria de carreira

Acesse nosso portal e inscreva-se: portal.fmu.br/cursos/pos-graduacao

LEVEL UP BRASIL

Empreender o futuro

**DESDE O
PRIMEIRO DIA.**



Inscreva-se:
matriculas.fmu.br

FMU